



UNIVERSIDADE DO PLANALTO CATARINENSE

**UNIVERSIDADE DO PLANALTO CATARINENSE – UNIPLAC
LICENCIATURA EM LETRAS – LÍNGUA PORTUGUESA/LÍNGUA INGLESA**

EBER MACIEL SOARES

**A ANÁLISE SEMÂNTICA DO POEMA “BOCHINCHO”
DE JAYME CAETANO BRAUN**

LAGES – SC

2022

EBER MACIEL SOARES

**A ANÁLISE SEMÂNTICA DO POEMA “BOCHINCHO”
DE JAYME CAETANO BRAUN**

Monografia apresentada à Universidade do Planalto
Catarinense – Uniplac, como parte dos requisitos
para a conclusão do Curso de Graduação de
Licenciatura em Letras – Língua Portuguesa/Língua
Inglês.

Orientador: Prof. Me. Carlos Eduardo Canani.

LAGES – SC

2022

EBER MACIEL SOARES

**A ANÁLISE SEMÂNTICA DO POEMA “BOCHINCHO”
DE JAYME CAETANO BRAUN**

Monografia apresentada à Universidade do Planalto Catarinense - Uniplac, como parte dos requisitos para a conclusão do Curso de Graduação de Licenciatura em Letras – Língua Portuguesa/Língua Inglesa.

() Aprovado () Reprovado Nota: _____

Lages, _____ de _____ de 2022.

Banca examinadora:

Orientador (a) Prof. Me. Carlos Eduardo Canani.

Prof.(a) Ma. Maria Cândida M. Pereira.

Prof. (a) Ma. Júlia Pereira Damasceno de Moraes.

DEDICATÓRIA

À Fabíola de Oliveira Macedo.

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a Deus por ter me concedido o alcance de mais esse objetivo.

Agradeço aos meus Pais, Paulo Lenoir Rodrigues Soares e Maria do Carmo Maciel Soares, sempre presentes em minha vida, por serem os meus maiores incentivadores e orientadores, mas principalmente por seus ensinamentos que sem os quais, eu não me tornaria a pessoa que sou hoje.

Agradeço e dedico esta nova conquista a minha Esposa Fabíola de Oliveira Macedo, grande motivadora da realização de meus sonhos e projetos, por estar comigo nos momentos difíceis e nos momentos de alegrias, mas principalmente muito obrigado por ser minha parceira de vida, te amo.

Agradeço a toda minha Família, em especial, a minha Sogra Laide de Oliveira Macedo.

Agradeço aos meus queridos Amigos e Colegas de turma por todo o apoio que me deram durante essa caminhada e a todas as pessoas que de alguma forma me incentivaram e ajudaram.

Agradeço por fim, a todos os meus Professores, e, em especial, ao meu Orientador Carlos Eduardo Canani por sua total dedicação e empenho ao meu auxílio para a realização desse trabalho.

Por mais longe que um homem vá, jamais fugirá de si.

Jayme Caetano Braun

RESUMO

Esse estudo trata da seguinte temática: A análise semântica do poema “Bochincho” de Jayme Caetano Braun. A questão problemática levantada foi: Como se dá a construção da análise semântica no poema “Bochincho” de Jayme Caetano Braun? A partir de então, elaborou-se o objetivo geral de: Apresentar a análise semântica e estrutural do poema “Bochincho” de Jayme Caetano Braun, bem como a vida e trajetória desse poeta. Os objetivos específicos propostos foram: Discutir os conceitos de análise semântica; compreender a estrutura de um poema a partir de seus elementos constituintes; Analisar semanticamente e estruturalmente o poema “Bochincho” de Jayme Caetano Braun. Para o desenvolvimento dos objetivos, o trabalho utilizou a metodologia de pesquisa bibliográfica a qual teve seu embasamento em obras e autores conceituados, dentre os quais destacam-se Sacconi (2011), Faraco e Moura (2005), Abaurre, Abaurre, Pontara (2013), Bagno (2002, 2003, 2004), Coelho *et al* (2010), Ribeiro (2008), entre outros. Foram abordados, apresentados e confrontados vários conceitos e características dos assuntos relevantes ao estudo como semântica, significação das palavras, figuras de linguagem e de pensamento, sociolinguística, regionalismos, tradicionalismos bem como, foi apresentado a biografia de Jayme Caetano Braun, suas obras em especial o poema Bochincho e por fim, foram realizadas as análises semânticas e estrutural do poema referido com o intuito de apresentar o desenvolvimento dos objetivos que foram propostos neste trabalho.

Palavras-chave: Análise Semântica. Tradicionalismo. Bochincho.

ABSTRACT

This study deals with the following theme: The semantic analysis of the poem “Bochincho” by Jayme Caetano Braun. The problematic question raised was: How is the construction of semantic analysis in the poem “Bochincho” by Jayme Caetano Braun? From then on, the general objective was elaborated: To present the semantic and structural analysis of the poem “Bochincho” by Jay-me Caetano Braun, as well as the life and trajectory of this poet. The specific objectives proposed were: To discuss the concepts of semantic analysis; Understand the structure of a poem from its constituent elements; To analyze semantically and structurally the poem “Bochincho” by Jayme Caetano Braun. For the development of the objectives, the work used the methodology of bibliographical research which had its basement in works and renowned authors, among which stand out Sacconi (2011), Faraco and Moura (2005), Abaurre, Abaurre, Pontara (2013), Bagno (2002, 2003, 2004), Coelho et al (2010), Ribeiro (2008), among others. Several concepts and characteristics of the subjects relevant to the study were approached, presented and confronted, such as semantics, meaning of words, figures of speech, figures of thought, sociolinguistics, regionalisms, traditionalisms as well as the biography of Jayme Caetano Braun , his works in particular the poem Bochincho and finally, the semantic and structural analyzes of the referred poem were carried out in order to present the development of the objectives that were proposed in this work.

Keywords: Semantic Analysis. Traditionalism. Smirk.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1: Conotação x Denotação	19
Figura 2: Metáfora.....	21
Figura 3: Comparação ou símile.....	22
Figura 4: Eufemismo	23
Figura 5: Hipérbole	24
Figura 6: Antítese	25
Figura 7: Prosopopéia	25
Figura 8: Lítotes ou litótis	27
Figura 9: Ironia.....	28
Figura 10: Apóstrofe	29
Figura 11: Paradoxo.....	30
Figura 12: Gradação	30
Figura 13: Reticências ou aposiopese	31
Figura 14: Ferdinand de Saussure (1857-1913).....	33
Figura 15: William Labov (1927)	35
Figura 16: Anthony Julius Naro	36
Figura 17: Regionalismo:	38
Figura 18: Obras da literatura regionalista	39
Figura 19: Dialeto do Português Brasileiro	40
Figura 20: Tapejara – o último guasca	42
Figura 21: Jayme Caetano Braun	45
Figura 22: Braun com seus pais e irmãos.....	46

LISTA DE QUADROS

Quadro 1: Figuras de linguagens encontradas nos versos.....	50
Quadro 2: Palavras regionalistas do poema Bochincho.....	52

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	11
1.1 LEVANTAMENTO DE HIPÓTESES.....	12
1.2 JUSTIFICATIVA	12
1.3 OBJETIVOS	13
1.3.1 Objetivo Geral	13
1.3.2 Objetivos Específicos.....	13
CAPÍTULO 1 - O ESTUDO DA SEMÂNTICA E SUAS CARACTERÍSTICAS.....	14
2.1 INTRODUÇÃO AOS ESTUDOS SEMÂNTICOS	14
2.2 SIGNIFICAÇÃO DAS PALAVRAS: POLISSEMIA, DENOTAÇÃO, CONOTAÇÃO... 17	
2.2.1 Figuras de linguagem	20
2.2.2 Figuras de pensamento.....	26
CAPÍTULO 2 – estudo da SOCIOLINGUÍSTICA	32
3.1 HISTÓRIA DA ORIGEM DA SOCIOLINGUÍSTICA.....	32
3.2 A PERSPECTIVA SOB O PONTO DE VISTA DA VARIAÇÃO LINGUÍSTICA	36
3.2.1 Regionalismos e suas principais características.....	38
3.2.1.1 <i>As influências formadoras dos falares gaúcho.....</i>	<i>41</i>
3.2.1.2 <i>As contribuições étnicas para a formação do tradicionalismo gaúcho</i>	<i>42</i>
CAPÍTULO 3 – HISTÓRIA DE JAYME CAETANO BRAUM.....	45
4.2 ESTRUTURA E NARRATIVA DO POEMA “BOCHINCHO”	48
4.2.1 Análise semântica do poema Bochincho	50
4.2.2 Os regionalismos presentes no poema.....	51
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	54
ANEXO I: POEMA BOCHINCHO DE JAYME CAETANO BRAUN	62
ANEXO II: OBRAS DE JAYME CAETANO BRAUN	68
ANEXO III: CERTIDÃO DE NASCIMENTO	69
ANEXO IV: BILHETE DE BRUAN Á JOÃO VARGAS	70

1 INTRODUÇÃO

O presente trabalho vincula-se ao curso de Letras da Uniplac. Devido a uma paixão e admiração do autor desde a infância pela tradição gauchesca, agregado à atenção que a poesia chama devido as suas características de sentimentos, e a diferenciação pelas estrofes, rimas e forma de expressão que demonstra, o trabalho foi desenvolvido em torno dessa temática.

A pesquisa apresenta-se acerca da análise semântica do poema “Bochincho”, considera-se uma das partes de grande relevância da Língua Materna, estudando os significados e significantes das palavras e interpretação de enunciados.

A poesia é um meio instigante de despertar o interesse e o gosto pela leitura. Percebe-se, então, que a poesia deve ser estudada com maior profundidade para uma perfeita compreensão do assunto. Contudo, ela não se baseia somente na leitura em si, mas sim em uma sequência de estudos essenciais por meio de várias atividades.

Dessa forma, nota-se a importância do estudo poético para que se tenha o conhecimento de atividades literárias, ressaltando a poesia como grande riqueza de conteúdo. Nesse sentido, é importante citar a relevância da poesia comovendo e sensibilizando o leitor no intuito de despertar os sentimentos.

Baseado em alguns elementos significativos o poema “Bochincho” de Jayme Caetano Braun chama atenção no sentido de despertar a curiosidade, já no tema apresentado, diante do fato de que como características da poesia do autor, essas se fazem com termos e expressões típicas da cultura gaúcha.

A relevância do tema quando observado por essa perspectiva apresenta vocábulos utilizados pouco conhecidos e complexos de se compreender. Por essa razão, a análise semântica será objeto da pesquisa para que se compreenda os sentidos das palavras utilizadas nos poemas que demonstram a vida no campo, a música, a dança e a ligação do gaúcho com o animal.

O interesse deste trabalho é abordar o assunto que cause curiosidades relevantes ao tema para que a medida projetada traga como benefícios maiores entendimentos sobre a poesia gaúcha dentro do gênero literário, com o intuito de problematizar e analisar seus aspectos para que assim surjam novas e relevantes considerações dentro do ensino acadêmico.

A partir desse contexto inicial, o presente estudo busca responder ao seguinte questionamento: como se dá a construção da análise semântica no poema “Bochincho” de Jayme Caetano Braun?

1.1 LEVANTAMENTO DE HIPÓTESES

A julgar pelo desconhecimento do autor mencionado em nossa região, a pesquisa se dará para conhecê-lo e mostrar a criatividade e a inspiração em sua poesia gauchesca que traz inúmeros atributos em relação ao homem, à música e à dança. Para tanto, a pesquisa abordará acerca da análise semântica, ou seja, os significados das palavras apresentadas no poema em seus versos para um melhor aprofundamento no conhecimento de novas palavras.

1.2 JUSTIFICATIVA

Sabe-se que a poesia é uma arte tradicional e uma forma de linguagem muito conhecida pelas pessoas. A arte de poetizar permite que se exprima aquilo que se sente de forma harmoniosa, na combinação de palavras, expondo as qualidades estéticas, com vistas a expressar sentimentos e visões pessoais do cotidiano.

Em relação à poesia gaúcha, a presente pesquisa iniciou-se por conta de uma paixão pessoal pela cultura tradicionalista da nossa região, e ainda pelo acompanhamento na infância da carreira de Jayme Caetano Braun. Diante da paz e da sensibilidade que a poesia muitas vezes proporciona em seus versos e estrofes construídas, o tema que se mostra pertinente, pois este é um gênero literário que faz com que as pessoas reflitam, muitas vezes dando valor à simplicidade na combinação das palavras ao mencionar seus sentimentos e visões pessoais.

A presente pesquisa foi motivada por interesse pessoal em conhecer e compreender melhor a imagem do gaúcho. Esse interesse avançou em decorrência do contato com a cultura gaúcha por intermédio da música, da dança e da participação em centros de tradição gaúcha que desde cedo fez parte de minha convivência em família, especialmente por influência do meu pai que participou de rodeios em nos estados do Rio Grande do Sul, Paraná e Santa Catarina.

Acerca dos vocábulos utilizados no poema “Bochincho”, como já colocado, esses fazem menção a termos tipicamente gaúchos e pouco conhecidos em nossa região. Por essa razão, a pesquisa é apropriada para a análise semântica dos versos, pois é necessário aprender e compreender novas palavras e seus significados.

O propósito de trabalhar a poesia é estimular a oralidade, a criatividade e a reflexão a respeito das circunstâncias da vida de cada um, além de poder trabalhar a escrita da poesia com temas livres para que os anseios sejam retratados enquanto se escreve. Compreender a poesia como elemento de formação de novos leitores é essencial para se criar campanhas e iniciativas específicas em escolas e bibliotecas.

1.3 OBJETIVOS

1.3.1 Objetivo Geral

Apresentar a análise semântica e estrutural do poema “Bochincho” de Jayme Caetano Braun, bem como a vida e trajetória de Jaime Caetano Braun.

1.3.2 Objetivos Específicos

- Discutir os conceitos de análise semântica;
- Compreender a estrutura de um poema a partir de seus elementos constituintes;
- Analisar semanticamente e estruturalmente o poema “Bochincho” de Jayme Caetano Braun.

CAPÍTULO 1. - O ESTUDO DA SEMÂNTICA E SUAS CARACTERÍSTICAS

O estudo da semântica e suas características podem apresentar dados de complexidade, visto que está relacionado à interpretação do significado das palavras. A compreensão da análise semântica deve seguir alguns tipos de classificação, os quais são abordados brevemente neste estudo.

Desse modo, em concordância com o tema do presente trabalho: a análise semântica do poema “Bochincho” de Jayme Caetano Braun. Nesse primeiro capítulo, abordam-se questões relacionadas à semântica, como a significação das palavras e as figuras de linguagens.

1.1 INTRODUÇÃO AOS ESTUDOS SEMÂNTICOS

O estudo da semântica deve ter, em si, a característica de conter diferentes relações e aplicações, de acordo com o tipo de objeto que terá o seu significado interpretado. Nesse sentido, é possível notar algumas áreas em que a semântica pode ser amplamente analisada, em diversos contextos e situações. Afinal “na linguagem tudo significa, tudo é semântico” (BECHARA, 2009, p. 29) e, ainda, “realizamos operações semânticas o tempo todo, sem nos preocuparmos em teorizar, quando usamos a língua no dia a dia” (ILARI, 2004, p. 11).

Conforme os autores Pinto *et al.* (2016, p. 9) a semântica é uma “ciência empírica, descritiva, que tem por objeto o estudo da relação dos signos com aquilo que eles significam, numa língua dada, isto é, estudo das palavras no que respeita seus significados”. Vale ressaltar que “o signo é considerado assemelhando-se ao vocábulo, sem que se leve em conta o seu uso” (ABRAHÃO, 2018, p. 44).

Por sua vez, Márcia Cançado (2008, p. 15) afirma que “semântica é o estudo do significado das línguas”. Partindo do pressuposto de que a habilidade linguística do ser humano baseia-se em um conhecimento específico, a autora explica que:

Ao conhecimento da língua, chamaremos de gramática, entendendo-se por gramática o sistema de regras e/ou princípios que governam o uso dos signos da língua. A linguística assume que o falante de qualquer língua possui diferentes tipos de conhecimento em sua gramática: o vocabulário adquirido, como pronunciar as palavras, como construir as palavras, como construir as sentenças e como entender o significado das palavras e das sentenças. [...] (CANÇADO, 2008, p. 15)

Logo, é possível atribuir à língua como objeto de estudo da linguística e tal conhecimento adquirido é chamado de gramática que por sua vez, consiste em um sistema de regras. A gramática diferencia-se de um falante para o outro no que diz respeito ao conhecimento subentendido de seu próprio vocabulário, pronúncia, construção das palavras e sentenças bem como o entendimento do significado delas.

A semântica é também conceituada como o estudo das línguas naturais e subdivide-se em diversos tipos, de acordo com interpretações de cada estudioso dessa área:

A Semântica, área da Lingüística que estuda o significado das línguas naturais subdivide-se em vários tipos, de acordo com as variadas visões dos especialistas nessa área. Desta forma, há a semântica textual, formal, lexical, discursiva, cognitiva, dentre outras, ligadas por um ponto comum: em todas elas o objeto de estudo é o significado (PINTO *et al.*, 2016, p. 9).

Diante desse conceito, é importante destacar que, conforme Abrahão (2018, p. 28), “[...] a linguística restringe-se ao estudo da linguagem articulada humana, aquela que articula partes mínimas e forma sons, sinais gráficos, letras, palavras, frases e textos. Com mínimas partes, infinitas possibilidades de significativas surgem”. Porém, a linguística não estuda todas as linguagens humanas. A autora menciona que “a linguística não estuda a linguagem corporal, por exemplo, ou a linguagem das cores, em diferentes sociedades” (ABRAHÃO, 2018, p. 28).

Os estudiosos divergem entre si quando se trata de análises semânticas, pois seguem em um caminho complexo cujos elementos encontrados, muitas vezes, são obscuros e sem alguma conexão evidente, conforme descrito no conceito a seguir:

[...] A semântica é um domínio de investigação de limites movediços; semanticistas de diferentes escolas utilizam conceitos e jargões sem medida comum, explorando em suas análises fenômenos cujas relações não são sempre claras: em oposição à imagem integrada que a ciência evoca, a semântica aparece, em suma, não como um corpo de doutrina, mas como o terreno em que se debatem problemas cujas conexões não são sempre óbvias (ILARI; GERALDI, 2006, p. 6).

Nesse sentido, o emprego de palavras específicas ou de seus sinônimos pode derivar da relação semântica e da linha de interpretação ou estilo de escrita utilizado. Então, devido à vastidão de elementos de estudo, é possível, proceder com a investigação do estilo da escrita determinar as intenções do autor, o significado por trás das palavras e interpretar a mensagem que o contexto pode oferecer. Desse modo, algumas áreas do conhecimento, quando relacionadas ao estudo da semântica, devem auxiliar no processo de interpretação do significado.

Nesse contexto, é possível descrever que a semântica relaciona-se principalmente aos conceitos de significante, significado, significação e sentido. “O significante estaria para o significado como o significado para a significação e a significação para o sentido” (GOLDGRUB, 2011, p. 90). Desse modo, compreende-se que esses elementos estão interligados e, nessa sequência, serão abordados brevemente a seguir.

Segundo Pinto *et al* (2016, p.12) significante “pode ser uma imagem, uma palavra falada, uma palavra escrita, um gesto, um símbolo, enfim, grosso modo, é o que provoca a busca por um conceito, uma ideia, um significado”. Desse modo, convém não confundir o significante com a forma da palavra, pois o significante existe na mente de quem fala ou representa a “imagem mental que possuímos da palavra ou expressão” (ABRAHÃO, 2018, p. 74). Portanto, o significante deve apontar a direção para a interpretação do significado:

Em relação ao significado conforme descreve Marques (2003) o que se deve assumir como certo é o fato de que suas questões desdobram-se em vários planos, justamente pela influência de aspectos ora linguísticos, ora filosóficos, ora lógicos, ora psicológicos etc. Assim, o significado mais amplo da mensagem pretendido pelo autor talvez seja derivar do ponto de vista ou ângulo daquele que está investigando, abrindo, possivelmente, uma ou mais interpretações ou versões uma vez que “sendo o significado o objeto de estudo da semântica, passou a ser alvo de várias teorias e definições” (PINTO *et al.*, 2016, p. 10).

Nessa perspectiva, o significado pode ser entendido conforme emitido pelo emissor de acordo com o que ele vê ou ouve. Assim observa-se que a interpretação do significado deve envolver múltiplos fatores, os quais nem sempre serão da área da escrita. Essa variedade de percepções pode demandar, para que se chegue a um resultado de interpretação satisfatório, um estudo de diferentes relações e interações, uma grande coleta de informações, pois “[...] o significado é único e é determinado pela gramática; os usos são muitos e são determinados pela interação da gramática com uma multiplicidade de outros fatores de natureza extragramatical” (CHIERCHIA, 2003, p. 45).

Por sua vez, a significação, conforme Cabral (2011, p. 34), “contém as instruções dadas àqueles que deverão interpretar um enunciado da frase, pedindo-lhes que procurem, na situação de discurso, as informações que lhes permitirão reconstruir o sentido pretendido pelo locutor”. A relação entre o discurso e as informações identificadas no contexto apresentado é possível orientar a busca pela significação.

Já para Henriques (2018, p. 44) “a semântica examina as palavras e locuções empregadas em enunciados para tratar das significações contidas nelas ou a partir delas”. Logo, per-

cebe-se a importância da investigação e pesquisa para que se conclua com precisão a significação da palavra ou frase.

Segundo Wittgenstein (2001, *apud* Pinto *et al.*, 2008), o sentido é a única exigência de significação de uma linguagem em geral. Ter sentido é poder significar, é ter um valor de verdade, independentemente de qual ele seja. Ter sentido para uma sentença é descrever uma situação que “significa” algo para alguém.

Para Ilari e Geraldi (2006, p 44) “saber o sentido de uma frase é ser capaz, em circunstâncias determinadas, de dizer se ela é verdadeira ou falsa. [...]”. Nessa direção, é importante notar a complexidade das características naturais e das interações do sentido com o significado, os quais podem estar distantes, possivelmente até coexistindo, ou não:

É extremamente difícil falar do sentido e dizer alguma coisa significativa. Para fazê-lo convenientemente, o único meio seria construir-se uma linguagem que não significasse nada: estabelecer-se-ia assim uma distância objetivante que permitiria construir discursos desprovidos de sentido sobre discursos significativos (GREIMAS, 1975, *apud* ABRAHÃO, 2018, p. 13).

Diante disso, deve-se observar que alguns caminhos de sondagem podem direcionar a investigação da semântica. Elaboraões mais aprofundadas é possível identificar inúmeros elementos de estudo e investigação cujas informações podem ser bastante amplas e com abertas discussões.

1.2 SIGNIFICAÇÃO DAS PALAVRAS: POLISSEMIA, DENOTAÇÃO, CONOTAÇÃO

No campo do estudo da semântica existem alguns conceitos básicos necessários para a compreensão dos significados das palavras, dentre eles: a polissemia, a denotação e a conotação cujas características serão abordadas a seguir.

A polissemia ocorre quando uma mesma palavra remete a vários sentidos e o contexto a qual está inserida é que determina um sentido singular para essa palavra (ANDRADE; MEDEIROS, 2000). Segundo Márcia Cançado (2008, p. 63) “a polissemia ocorre quando os possíveis sentidos de uma palavra ambígua têm alguma relação entre si”. A autora exemplifica: “pé: pé de cadeira, pé de mesa, pé de fruta, pé de página, etc. [...] O sentido de pé, como sendo a base, é recuperado em todos os outros sentidos” (CANÇADO, 2008, p. 64). Assim, o conteúdo semântico da palavra pé encontra significado em diferentes contextos e pode ser utilizado em inúmeras situações tanto no sentido literal como figurado.

Desse modo, uma palavra tem vários sentidos e pode adquirir novos. Essa é uma característica da significação.

A polissemia atesta o caráter aberto da textura das palavras: uma palavra é isto que tem vários sentidos e que ainda pode adquirir novos. Portanto, é um traço descritivo da significação que introduz a teoria das mudanças de sentidos, a saber, que para um nome pode haver mais de um sentido e, para um sentido mais de um nome. (RICOEUR, 2005, p. 182).

Já conforme Andrade e Medeiros (2000, p. 248), “polissemia é a capacidade que um significante tem de possuir mais de um significado, ou seja, é polissêmico o vocábulo utilizado em várias acepções”. Os autores apontam que as causas da polissemia são: “as alterações de contexto; a utilização técnica de determinados vocábulos; a linguagem figurada” (ANDRADE; MEDEIROS, 2000, p. 248).

Para Ferrarezi Jr. (2008, p. 166): “a polissemia é um dos mais importantes recursos para a economia nos sistemas linguísticos, pois permite que um mesmo sinal seja multifuncional, isto é, funcione bem em vários textos, com os mais diferentes sentidos”.

Desse modo, deve-se compreender que a polissemia apresenta além do seu sentido original, outros vários sentidos, em uma determinada palavra ou expressão.

Sequencialmente a isso, observa-se a importância que a investigação de alguns elementos linguísticos possui para que se possa delimitar e diferenciar uma categoria de outra. Por exemplo, a denotação, cuja característica pode ser representada pela literalidade e a conotação pelo sentido figurado.

Segundo Jamilk (2019, p. 19) a “denotação é representada pelo: sentido real ou literal das palavras ou das expressões. As expressões sentido referencial ou próprio também podem aparecer para designar a conotação. Exemplo: É preciso investir na educação brasileira”. O autor descreve que o todo conteúdo da frase é compreensível devido ao sentido exato das palavras utilizadas (JAMILK, 2019).

Conforme Abaurre, Abaurre e Pontara (2013, p.197) descrevem, o “sentido literal (ou denotativo) é o significado básico de palavras, expressões e enunciados da língua”. As autoras explicam que também “a linguagem denotativa predomina em textos com função utilitária, ou seja, que tem como objetivo principal informar, argumentar, orientar. [...]” (ABAURRE; ABAURRE; PONTARA, 2013, p. 198).

Por sua vez, para Andrade e Medeiros (2000, p. 246) “denotação é o significado comum aos usuários da língua, o elemento estável, não subjetivo e analisável fora do discurso”,

ou seja, na denotação o elemento não varia enquanto que na conotação os elementos variam conforme o contexto.

Por outro lado, deve-se observar que dentro dos tipos de classificação que representam a significação, algumas categorias podem ser destacadas. A conotação, por exemplo, é possível determinar o tipo, a forma de "mensagem" que o autor procura destacar:

A conotação é o efeito de sentido pelo qual a escolha de uma determinada palavra ou expressão dá a informação sobre o falante, sobre a maneira como ele representa o ouvinte, o assunto e os propósitos da fala em que ambos estão engajados etc. A conotação opõe-se à denotação, que é o efeito de sentido pelo quais as palavras falam “neutramente” do mundo (ILARI, 2004, p. 41).

Conforme Abaurre, Abaurre e Pontara (2013, p.197), “sentido figurado (ou conotativo) é aquele que as palavras, expressões e enunciados adquirem em situações particulares de uso, quando o contexto exige que o falante/leitor perceba que o sentido literal foi modificado e as palavras e expressões ganham um novo significado”. As autoras salientam ainda, que “nos textos literários, com finalidade essencialmente estética, observamos um uso predominante da linguagem conotativa. Outro contexto em que a conotação costuma ser muito explorada é o dos textos publicitários” (ABAURRE; ABAURRE; PONTARA, 2013, p. 198).

Já segundo Andrade e Medeiros (2000, p. 246), “conotação é a parte do significado das palavras utilizadas para as expansões emocionais; é capaz de sugestionar, despertar emoções, persuadir, implicando, com isso, subjetividade da expressão”. Diante do que foi exposto sobre os sentidos conotativo e denotativo, segue, no exemplo da figura 1, uma *charge*¹ que demonstra um breve resumo das diferenças entre os conceitos:

Figura 1: Conotação x Denotação



Fonte: <https://helioborgesblog.wordpress.com/2016/12/06/177/>, 2022.

¹ *Charge*: substantivo feminino. Desenho de teor humorístico ou cômico que, possuindo legenda ou não, normalmente é apresentado ou publicado em revista ou afim, se pode referir a uma situação (acontecimento) atual, e critica as personagens que estão envolvidas nessa situação; caricatura.

DICIO, Dicionário Online de Português. *Charge*. Disponível em: <https://www.dicio.com.br/charge/> Acesso em: 11 jun 2022.

Na primeira imagem a mulher fala dos pneus do seu corpo, ou seja, sentido figurado ou conotativo. Na segunda imagem o pernيلongo fala dos pneus de carros, local onde ele deposita seus ovos, em outras palavras, sentido real ou denotativo.

2.2.1 Figuras de linguagem

As figuras de linguagens são palavras ou expressões de sentido conotativo que ultrapassam a linguagem comum, literal ou denotativa. São formas de expressões que divergem da gramática vão além do sentido literal do texto. “Figuras de linguagem são desvios do domínio rigoroso das normas propostas pela gramática e escolha de novas formas de expressão a fim de conseguir mais expressividade” (CARVALHO, 2005, p. 329). Exemplo: “tarde *tímida*; a luz da inteligência; *quebrar* o protocolo” (SACCONI, 2011, p. 523).

Segundo Jamilk (2019, p. 403) “figuras de linguagens são recursos empregados para transformar o conteúdo das mensagens. [...]”. Pode-se dizer que são utilizados alguns tipos de recursos que podem ser empregados para a transformação das frases. Esses métodos podem variar de acordo com a forma a partir da qual o autor pretende fazer a metamorfose do conteúdo.

Fazem parte das figuras de linguagem: metáfora, comparação, eufemismo, hipérbole, antítese, personificação, entre outras conforme será tratado a seguir.

- **Metáfora:**

Segundo Sacconi (2011, p. 523) metáfora “é o emprego de palavra fora do seu sentido normal, por feito da analogia (comparação). Ex.: A Amazônia é o *pulmão* do mundo. Na sua mente *povoa* só maldade”. No primeiro exemplo, a frase possui dois termos da comparação (Amazônia – pulmão) nesse caso trata-se de metáfora impura; no segundo exemplo, a frase não possui nenhum termo de comparação trata-se de metáfora pura (SACCONI, 2011). Da mesma forma, tem-se também que:

Metáfora: consiste na transferência do nome de um elemento para outro, em vista de uma relação de semelhança entre ambos [...]. Exemplo: As folhas do canavial *lambiam* o muro de cal. (entre *lamber*, no seu sentido usual, e *lamber* no seu sentido figurado, há ao menos um ponto em comum: ambos os processos implicam *deslizar* sobre uma superfície) (CARVALHO, 2005, p. 329).

Nesse sentido, é possível afirmar que metáfora é uma figura de linguagem e tem como característica a analogia entre dois ou mais elementos.

Para Castilhos (2014, p. 132) “várias metáforas se tornaram altamente cristalizadas na linguagem do dia a dia, a ponto de termos perdido a percepção correspondente. Assim, associamos a vida a uma viagem, o trabalho a uma batalha, a ciência a um trajeto em que nos movimentamos [...]”. Desse modo, é possível perceber que na linguagem cotidiana faz-se uso de várias metáforas e que algumas não, se sabe mais o sentido original.

Uma metáfora muito utilizada no dia a dia deve ser considerada a expressão “tempo é dinheiro” na qual se compreende que, tempo não é reembolsável, uma vez gasto não há mais retorno, por esse motivo deve-se valorizar. Conforme Souza (2022) a expressão “tempo é dinheiro” é um exemplo de metáfora, como se observa na figura 2:

Figura 2: Metáfora



Fonte: <https://brasilecola.uol.com.br/gramatica/metafora.htm>, 2022.

Dessa forma, perceber-se que a metáfora pode conter uma expressão ou uma palavra no sentido figurado e tem a comparação como sua base.

- **Comparação ou símile:**

A comparação (ou símile) apresenta a utilização de algum termo comparativo, por exemplo: *como*, *igual*, “trata-se da comparação direta entre elementos em uma sentença. É fundamental que se empregue o termo comparativo (como a conjunção). Soube que Paulino fala *como* um papagaio. Minha prima trabalha *igual* à gente grande” (JAMILK, 2019, p. 404).

Segundo Sacconi (2011, p. 524) “quando o segundo termo da metáfora impura vem precedido de conjunção comparativa ou de qualquer outro elemento que a substitua, temos a comparação ou símile. Ex.: Esse homem é bravo como uma *fera*! [...]”. O autor explica que, nesse exemplo, o predicativo “como” é possível aparecer subentendido (SACCONI, 2011).

Já conforme Abaurre, Abaurre e Pontara (2013, p. 226) “a comparação (ou símile) ocorre quando elementos de universos diferentes são aproximados por meio de um termo específico (*como, feito, tal qual, qual, assim como, tal, etc.*)”. Segue na figura 3, um exemplo:

Figura 3: Comparação ou símile



Fonte: <https://mulhertrinta.wordpress.com/2009/07/09/metaforas/>, 2022.

No exemplo acima, a personagem, recorre à comparação. No primeiro quadrinho ela utiliza os termos (amor/flor) “o amor é *como* uma flor”, porém o namorado não a entendeu e ela decide, no segundo quadrinho, trocar o segundo termo por outro mais próximo ao entendimento do rapaz “o amor é *como* o motor do carro” (amor/motor) desse modo ele compreendeu o que a moça quis dizer.

- **Eufemismo:**

Segundo Sacconi (2011, p. 532) eufemismo é “o emprego de palavras ou expressões agradáveis, em substituição as que têm sentido grosseiro ou desagradável. Ex.: toailete (por privada), tumor maligno (por câncer), faltar à verdade (por mentir)”. Nesse sentido, outro conceito de eufemismo: “atenuação de uma ideia que possa chocar. Exemplo: Você *faltou* com a verdade. (Em vez de você *mentiu*)” (CARVALHO, 2005, p. 329).

Por sua vez, Abaurre, Abaurre e Pontara (2013, p. 235) definem como eufemismo é “o ato de evitar o uso de palavras ou expressões desagradáveis ou excessivamente fortes, substituindo-as por termos que atenuam a ideia original”. Por exemplo, o conteúdo da propaganda representada na figura 4:

Figura 4: Eufemismo



Fonte: (AQUERY *et al*, 2013).

A propaganda chama a atenção para a violência sexual infantil. A imagem aborda a metáfora do “pesadelo” representada no desenho na forma de um monstro. A legenda ao lado esclarece ao leitor o significado do desenho.

- **Hipérbole:**

Segundo Sacconi (2011, p. 532) hipérbole é “o exagero na afirmação, com o adjetivo de dar ênfase á comunicação. Ex.: Já lhe ensinei isso *mil vezes*, e você ainda não aprendeu?! Eu quase *morri* de estudar! Minha namorada desconfia da *própria sombra!*”.

Desse modo, conforme alguns autores conceituam hipérbole como o exagero na afirmação ou na expressão utilizada por alguém, “hipérbole: expressão exagerada de uma ideia. Exemplo: Repetiu um milhão de vezes a mesma ideia”. (CARVALHO, 2005, p. 329).

A hipérbole é o exagero atribuído a seres, qualidade ou fatos. Conforme Faraco e Moura (2005, p. 580) ressaltam que “hipérbole consiste no exagero proporcional de seres,

qualidades ou fatos, atribuindo-lhes proporções ou intensidade fora do normal, quer no sentido positivo, quer no sentido negativo [...]”.

A figura 5 expressa um exemplo de hipérbole:

Figura 5: Hipérbole



Fonte: (GALHARDO, 2007)

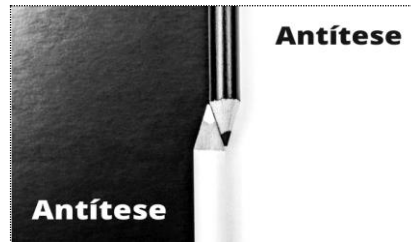
A *charge* acima representa o uso da hipérbole, em que, o exagero no tamanho ou na forma de expressão, num contexto humorístico onde o personagem refere-se a um período de casamento muito além do possível para a condição humana.

- **Antítese:**

Segundo Sacconi (2011, p. 533) “antítese ou contraste, é o emprego de palavras ou expressões contrastantes geralmente na mesma frase. Ex.: Toda *guerra* finaliza por onde devia ter começado: a *paz*. [...]”. Nesse caso a palavra guerra contrasta com a palavra paz.

Outros autores também atribuem à antítese o sentido de contrariedade, confrontação ou oposição, “antítese: confronto de idéias opostas entre si. Exemplo: Ora temos *esperança*, ora nos damos ao desespero”. (CARVALHO, 2005, p. 329). No exemplo, proposto pelo autor, a palavra esperança contrasta com a palavra desespero.

Conforme Faraco e Moura (2005, p. 576) antítese “consiste em colocar, lado a lado, idéias opostas”. Por exemplo, na figura 6, a imagem representa o sentido de oposição, contrariedade os dois lápis um na cor branca outro na cor preta:

Figura 6: Antítese

Fonte: <https://mundoeducacao.uol.com.br/gramatica/antitese.htm>, 2022.

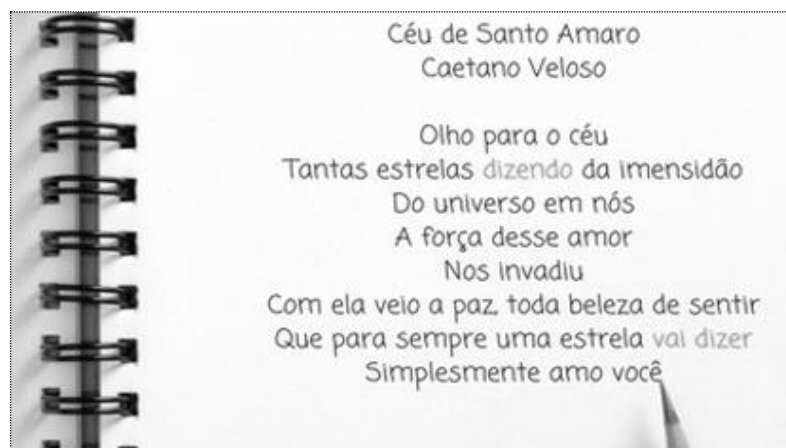
- **Prosopopeia, ou personificação:**

Segundo Sacconi (2011, p. 533) “prosopopéia ou personificação é a atribuição de qualidades e sentimentos humanos a seres irracionais e inanimados. Ex.: As árvores são imbecis: se despedem justamente quando começa o inverno. [...]”. Nesse caso, o autor procurou fazer uma relação entre o fato das árvores perderem suas folhas nas estações mais frias do ano, com uma ação humana, como se fosse de alguma forma consciente de tal ação.

Conforme Jamilk (2019, p. 405) “prosopopéia, ou personificação: trata-se da figura em que se atribuem características humanas a seres não humanos ou características animadas a seres não animados. O vento vem me beijar-me a face. (O vento não beija. Isso é uma capacidade humana)”.

Portanto, prosopopéia são capacidades, qualidades ou sentimentos humanos, atribuídos a seres inanimados, irracionais, não humanos ou mortos.

Para Faraco e Moura (2005, 586) prosopopéia, personificação ou animismo: “consiste em atribuir vida ou qualidades humanas a seres inanimados, irracionais, mortos ou a conceitos [...]”. Segue na figura 7, um exemplo de prosopopéia a canção de Caetano Veloso:

Figura 7: Prosopopéia

Fonte: <https://mundoeducacao.uol.com.br/gramatica/personificacao-prosopopeia.htm>, 2022.

É possível notar características humanas atribuídas a seres inanimados nas frases: “estrelas *dizendo*”, “uma estrela *vai dizer*”.

Diante disso, nesse tópico do trabalho, foram apresentadas algumas principais figuras de linguagens as quais se pode dizer que enriquecem a beleza do poema ou texto e ressalta o estilo do autor.

2.2.2 Figuras de pensamento

Nesse tópico serão abordadas algumas figuras de pensamentos, pois, os estudiosos variam os conceitos e é importante ressaltar que esses recursos linguísticos podem ter diferentes graus de sofisticação e irão aparecer em maior quantidade e nível de aplicação, de acordo com a individualidade de cada autor “nem sempre os estudiosos concordam quanto à classificação de uma figura em determinada categoria e, por vezes, uma figura pertence ao mesmo tempo a dois domínios” (FARACO; MOURA, 2005, p. 574).

Desse modo, deve se observar que ao se optar por um estilo mais direto, as figuras de pensamento podem ter um papel secundário, dependendo sempre do autor.

Conforme Abaurre, Abaurre e Pontara (2013, p. 234) apontam que “[...] quando manipulamos o sentido das palavras e expressões, criamos **figuras de pensamento**”. As autoras citam algumas figuras de pensamento: ironia, hipérbole, eufemismo, prosopopéia, antítese, paradoxo, gradação e apóstrofe. (ABAURRE; ABAURRE; PONTARA, 2013).

Diante disso, pode-se dizer que as chamadas figuras de pensamentos é possível aparecer no texto, frase e poema para que aquela ideia que está sendo escrita ganhe algum tipo de alteração, ou exagerada, manipulada, imaginativa, ou seja, que de alguma forma realce aquela percepção de um modo que pode ser inusitado, diferente e reflexivo.

Segundo Faraco e Moura (2005, p. 573) as figuras de pensamento “ocorrem toda vez que um enunciado expressa ideia diferente daquela que sua forma linguística parece indicar. Essas figuras resultam, portanto, de uma discrepância entre o verdadeiro propósito da mensagem e a sua expressão formal [...]”.

Já de acordo com Sacconi (2011, p. 532) “as figuras de pensamento compreendem a hipérbole, a litotes, o eufemismo, a ironia, a prosopopéia ou a personificação, a apóstrofe, a antítese ou contraste, o oximoro ou paradoxo, a gradação (clímax, anticlímax e gradação encadeada) e as reticências ou oposiopese”.

Nesse contexto, a complexidade dessas denominações e categorias onde estão inseridas as figuras de pensamento e outros recursos linguísticos de semântica, podem estar em

constante análise e estudo e mover-se de uma categoria para outra no decorrer dos anos, já que os estudiosos do tema nem sempre têm apenas uma classificação para estes termos.

Pretende-se, desse modo, com o esboço de alguns exemplos e aplicações, destacar brevemente as características desta ampla categoria linguística conforme as figuras de pensamentos apresentadas a seguir:

- **Lítotes ou litótis:**

Litotes ou litótis é uma figura de linguagem que alguns estudiosos a classificam como figura de pensamento e que corresponde em dizer algo através da negação. Conforme Sacconi (2011, p. 532) “lítotes ou litótis é a afirmação branda por meio da negação do contrário. Ex.: Sua namorada não é nada boba. (= Sua namorada é esperta). [...]”.

No entanto, ainda que se amenize um enunciado, assim como o eufemismo, o litote se diferencia por afirmar algo usando a negação (OLIVEIRA, 2022). Observe a figura 8:

Figura 8: Lítotes ou litótis



Fonte: <https://www.todamateria.com.br/figuras-de-linguagem/>, 2022.

A *charge* apresenta um exemplo de litote ou litótis em que os personagens conversam sobre o desenho e, em resposta a pergunta feita, o amigo responde delicadamente ao dizer que o desenho está ruim.

- **Ironia:**

De acordo com Sacconi (2011, p. 532) ironia “é sugerir, pela entoação e contexto, o contrário do que as palavras ou as frases exprimem, por intensão sarcástica. Ex.: Que menina linda! (Quando se trata, na verdade, de um monstinho.) O ministro foi sutil como uma jaman-ta e fino como um hipopótamo...”. O autor classifica ironia como figura de pensamento e atribui a ela o sentido de contrariedade.

Conforme Abaurre, Abaurre e Pontara (2013, p. 212) ironia “é o efeito resultante do uso de uma palavra ou expressão que, em um contexto específico, ganha sentido oposto ou diverso daquele que costuma ser utilizada”. Portanto, deve-se atribuir a ironia o sentido oposto, diverso ou contrário.

Outro conceito: “ironia consiste em exprimir, intencionalmente, o contrário do que se pensa. O autor de uma ironia dá sempre a entender que expressou uma ideia aparentemente contrária á que desejava. Geralmente revela intenção depreciativa ou sarcástica” (FARACO; MOURA, 2005, p. 580). Pode-se observar na figura 9 um exemplo de ironia:

Figura 9: Ironia



Fonte: <https://www.todamateria.com.br/figuras-de-linguagem/>, 2022.

Percebe-se no texto que a palavra “inteligente” foi utilizada com o intuito de ironizar o indivíduo que “apagou o que estava gravado”. Quem fez uma coisa dessas não é nada inteligente, pelo contrário é um imbecil, um idiota ou burro, por exemplo.

- **Apóstrofe:**

Conforme Sacconi (2011, p. 533) apóstrofe “é a interpelação violenta a pessoas ou coisas presentes ou ausentes, reais ou fantásticas. Ex.: [...] *Mundo!* Que és tu para um coração sem amor?!”.

Segundo Abaurre, Abaurre e Pontara (2013, p. 237) na poesia a apóstrofe “é um recurso muito utilizado é a interpelação de uma pessoa (real ou imaginária), presente ou ausente, como uma forma de enfatizar uma ideia ou expressão”.

Já os autores Faraco e Mora conceituam e exemplificam da seguinte forma:

Apóstrofe ou invocação consiste:

a. na invocação ou interpelação do ouvinte ou do leitor da mensagem:

Não, senhora minha, ainda não acabou esse dia tão comprido. (Machado de Assis)

Cristina, talvez um dia eu a entreviste. (Clarisse Lispector)

b. na invocação de pessoas ausentes, mortas seres fantásticos, coisas inanimadas ou abstratas:

Dancemos todos, dancemos.

Amadas. Mortos. Amigos... (Mário Quintana)

Amiga morte, vem. (Fagundes Varela)

(FARACO & MOURA, 2005, p. 576)

Portanto, apóstrofe é uma figura de linguagem que enfatiza uma ideia/expressão conforme exemplifica a *charge* da figura 10:

Figura 10: Apóstrofe



Fonte: <https://www.todamateria.com.br/figuras-de-linguagem/>, 2022.

É possível perceber a apóstrofe, no segundo quadrinho, com a ênfase atribuída ao texto.

- **Oxímoro ou paradoxo:**

Segundo Sacconi (2011, p. 533) oxímoro ou paradoxo “é a associação de ideias, além de contrastantes, contraditórias. É a antítese levada ao extremo. Ex.: Era dor, sim, mas uma *dor deliciosa!* [...]”. Desse modo paradoxo ou oxímoro é a figura de linguagem em que duas palavras antônimas possuem conexão:

Trata-se de uma figura em que se relacionam duas palavras antônimas, com a finalidade de tentar conciliar conceitos contraditórios, pensamentos que se excluem mutuamente. É uma espécie de antítese concentrada, pois condensa numa unidade duas declarações antagônicas. Difere da antítese pela forma que assume: enquanto a antítese se constrói com dois termos, o paradoxo os funde num só [...] (FARACO; MOURA, 2005, p. 584).

Conforme Abaurre; Abaurre; Pontara (2013, p. 236) “paradoxo em alguns casos, observamos a associação de termos contraditórios, inconciliáveis. Essa figura de pensamento é denominada de paradoxo”. Segue um exemplo, a *charge* do personagem Hagar, figura 11:

Figura 11: Paradoxo



Fonte: (BROWNE, 2003)

É possível observar, no segundo quadrinho, ocorre um paradoxo quando Hagar diz “fingir sinceramente”, ou melhor, no mesmo contexto ou frase pode conter informações onde uma seja contraditória a outra.

- **Gradação:**

Conforme Sacconi (2011, p. 533) gradação “é a apresentação de uma série de ideias em progressão ascendente (clímax) ou descendente (anticlímax). Ex.: [...] Eu era *pobre*. Era um *subalterno*. Era *nada*. (Monteiro Lobato)”.

Segundo Abaurre, Abaurre e Pontara (2013, p. 237) gradação é “quando criamos uma sequência de palavras ou expressões estabelecendo entre elas uma progressão (ascendente ou descendente)”. As autoras exemplificam com a tirinha abaixo, figura 12:

Figura 12: Gradação



Fonte: (VERÍSSIMO, 1987, p. 47)

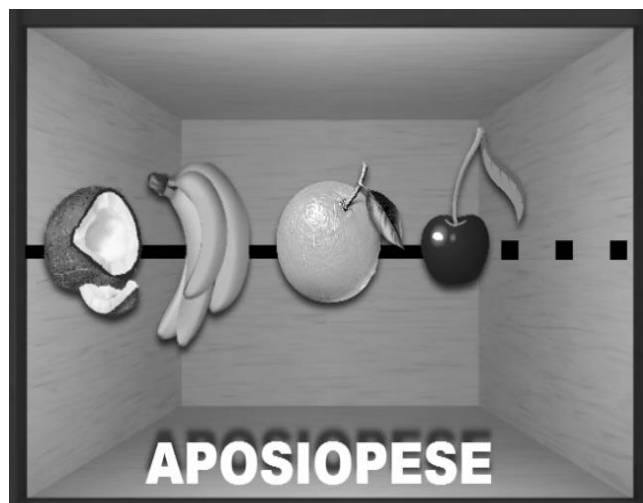
A gradação acontece entre os termos: sistema solar – bilhões de outros sistemas – galáxia – trilhões de outras galáxias. (ABAURRE; ABAURRE; PONTARA, 2013).

- **Reticências ou aposiopese:**

Segundo Sacconi (2011, p. 534), reticências ou aposiopese “é a interrupção do pensamento, por ser o silêncio mais expressivo que a palavra. Ex.: [...] Denise me acompanhava. Era noite. A rua, deserta. Eu e ela. Nos dois. Sozinhos...”.

De acordo com Matos (2018), aposiopese (ou reticência) são as interrupções do pensamento, simbolizadas graficamente por reticências, tornando as ideias mais relevantes ou expressivas do que se fossem escritas. Conforme representado na figura 13:

Figura 13: Reticências ou aposiopese



Fonte: (MATOS, 2018)

Desse modo, no exemplo acima, é possível construir uma ideia com as frutas que estão na imagem: (coco, banana, laranja, cereja...) a reticências ou aposiopese sugerem que o leitor imagine outras frutas na sequência da cereja, por exemplo: melancia, maçã, e por aí vai.

CAPÍTULO 2 – ESTUDO DA SOCIOLINGUÍSTICA

Esse capítulo aborda o estudo da sociolinguística bem como sua história, seu surgimento, principais autores, variação linguística, regionalismos e falares gaúcho.

Essa parte do trabalho procura mostrar diferentes aspectos históricos que podem ser exploradas pelos pesquisadores, e este conhecimento podem acrescentar para a compreensão acadêmica e literária.

3.1 HISTÓRIA DA ORIGEM DA SOCIOLINGUÍSTICA

Essa ciência, conforme a abordagem que se segue deve representar o modo em que a linguística se funde com a sociedade em que está inserida, procurando estabelecer relação de forma social e comum aos que nela estão:

A sociolinguística é uma das subáreas da Linguística e estuda a língua em uso no meio das comunidades de fala, voltando a atenção para um tipo de investigação que correlaciona aspectos linguísticos e sociais. Esta ciência se faz presente num espaço interdisciplinar, na fronteira entre a língua e sociedade, focalizando principalmente os empregos linguísticos concretos, em especial os de caráter heterogêneo (MOLLICA; BRAGA, 2017, p. 9).

Nesse sentido, a sociolinguística estuda as variações da língua Conforme Coelho *et al* (2010, p. 17) “sociolinguística se ocupa de questões como variação e mudança linguística, bilinguismo, contato linguístico, línguas minoritárias, política e planejamento linguístico, entre outras”.

Nota-se que a análise da interpretação, mediante o estudo sociolinguístico e seus métodos, deve basear-se na interação humana, ou seja, na observação da comunicação entre as pessoas, “[...] podem ser chamados de sociolinguistas todos aqueles que entendem por língua um veículo de comunicação, de informação e de expressão entre os indivíduos da espécie humana. [...]” (TARALLO, 2001, p. 7).

A respeito da observação humana quanto à comunicação entre as pessoas é possível dizer que esse interesse surgiu há muito tempo conforme Schumacher (2013) no início, no tempo dos gregos, conhecer a língua era apenas saber usá-la.

Entretanto, alguns estudos iniciais começam a estabelecer alguns padrões para a fala e a escrita correta. O latim e o grego eram os idiomas de registro oficial e de estudo até a Re-

nascença. Desse modo, quase todas as regras da gramática normativa de uma língua moderna têm origem na estrutura e padrões gregos e latinos tidos como perfeitos e imutáveis.

Segundo Coelho *et al* (2010, p. 13) “no século XIX predominaram os estudos histórico comparativos. Mas é a partir de Saussure que os estudos linguísticos passam a adquirir um caráter mais sistemático e abstrato, e a língua é estudada sincronicamente, desvinculada de sua história”.

O filósofo e linguista suíço Ferdinand de Saussure, figura 14:

Figura 14: Ferdinand de Saussure (1857-1913)



Fonte: https://www.ebiografia.com/ferdinand_de_saussure/, 2022.

A partir do século XX, Saussure, considerado como o fundador da linguística como ciência moderna, autor do clássico: Curso de linguística geral publicado em 1916, como obra póstuma de Saussure, organizado por seus discípulos Bally e Sechehaye. A partir de apontamentos de aulas Saussure, a corrente linguística denominada estruturalismo, defendia a existência de uma estrutura linguística imutável e fixa (COELHO *et al*, 2010). Sua teoria separava a língua da fala, sendo a primeira seu foco de estudo para esse linguista “[...] a Linguística tem por único e verdadeiro objeto a língua considerada em si mesma e por si mesma” (SAUSSURE, 2006, p. 271).

Segundo Coelho *et al* (2010, p. 15) “alguns autores do início do século XX que, diferentemente da proposta teórica de Saussure, postulavam uma concepção social da língua,

[...] como o linguista francês Meillet (1866-1936) e dos linguistas russos Marr (1865-1934) e Bakhtin (1895-1975)”. Os autores descrevem que “Meillet busca explicar a estrutura linguística por meio de fatores históricos e sociais [...], Marr propunha que os estágios das línguas corresponderiam aos estágios da sociedade e Bakhtin, defende um enfoque da língua na interação verbal historicamente contextualizada” (COELHO *et al*, 2010, p. 15-16).

Conforme Paulston e Tucker (2003) a partir de 1960, a Sociolinguística reivindicou sua posição de campo específico de estudo, e acabou apresentando duas vertentes distintas para se referir a essa área que correlaciona língua e sociedade. Uma delas denominou-se sociolinguística propriamente dita, na qual linguistas e antropólogos teriam como objetivo a descrição e análise da língua na sua relação direta com fatores sociais, ou seja, a influência de elementos socioculturais no fenômeno linguístico. A outra ramificação, a sociologia da linguagem, teria como foco estudar e compreender a influência da linguagem no comportamento de uma sociedade, onde cientistas sociais e alguns linguistas procurariam interpretar o efeito da língua na sociedade.

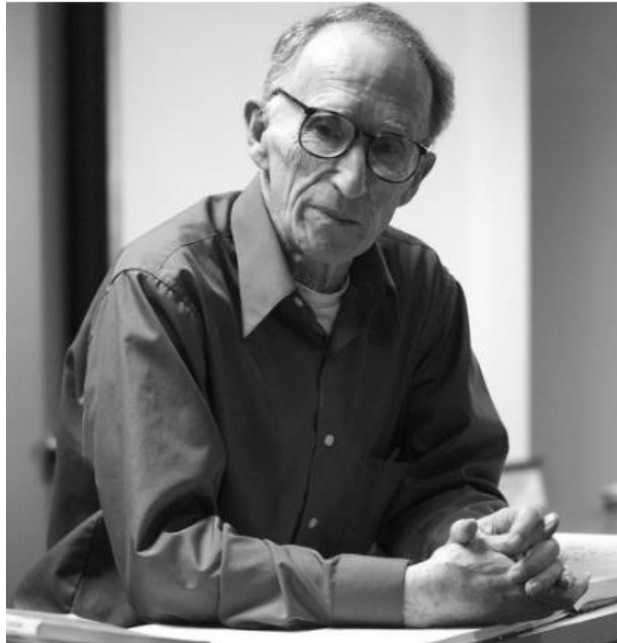
Nos Estados Unidos, em 1960, a visão formal da língua destaca-se com dois principais linguistas Chomsky e Labov:

Noam Chomsky e a corrente denominada gerativismo, segundo a qual a língua (i) é concebida como um sistema de princípios universais; (ii) é vista como o conhecimento mental que um falante tem de sua língua a partir do estado inicial da faculdade da linguagem, ou seja, a competência. O que interessa ao gerativista é o sistema abstrato de regras de formação de sentenças gramaticais. [...], tanto a abordagem estruturalista como a gerativista consideram a língua como uma realidade abstrata, desvinculada de fatores históricos e sociais. É como uma reação a essas duas correntes que a Sociolinguística desponta nos Estados Unidos na década de 1960, tendo como um de seus maiores expoentes William Labov (COELHO *et al*, 2010, p. 14).

No entanto, William Labov considerava a existência de um só tipo de linguística, a social, e achava não haver motivos para se destacar o caráter social da língua na denominação dessa nova área de estudos (LABOV, 2008). Nesse sentido “Labov critica a separação estabelecida por Saussure entre *langue* e *parole* e entre sincronia e diacronia, e também o fato de Saussure desconsiderar os fatores externos à língua ao defini-la como um sistema de signos que estabelecem relações entre si [...]” (COELHO *et al*, 2010, 21).

É importante destacar a obra “*The Social Stratification of English in New York City*” a qual descreve os métodos utilizados para a coleta de dados para o estudo das variedades em Inglês faladas na cidade de Nova York, essa obra pode-se dizer, é o marco no estudo da Sociolinguística de autoria do professor e linguista William Labov, figura 15:

Figura 15: William Labov (1927)



Fonte: <https://gramaticaecognicao.com/william-labov-linguista/>, 2022.

Essa obra de Labov vem a influenciar as pesquisas na área da Sociolinguística laboviana no Brasil na década de 1970, mais precisamente na Universidade Federal do Rio de Janeiro sob a orientação do professor Anthony Naro.

Conforme Freitag (2016) relata de que no Brasil a sociolinguística se caracteriza em sua preparação em bancos de dados linguísticos, que são amostras organizadas de língua coletadas em um universo definido como comunidade de fala. Esse método segue a sociolinguística pioneira, da *The Social Stratification of English in New York City*, isto significa, segue a estratificação de acordo com critérios sócios demográficos. Esse banco de dados segue protocolo de sociolinguística no Brasil como: projeto Censo da Variação Linguística do estado do Rio de Janeiro, o Programa de Estudos sobre o Uso da Língua (CENSO-PEUL), sob coordenação de Anthony Naro, sendo o pioneiro na adoção desses aspectos da metodologia da Sociolinguística Variacionista no Brasil, com o objetivo de estudar o português falado no Rio de Janeiro.

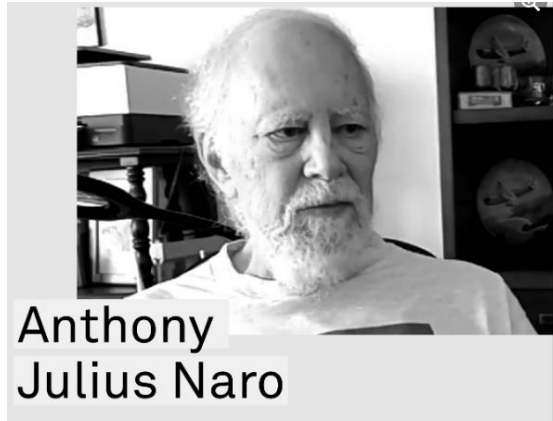
Em uma entrevista, Naro relata quando surgiu o convite para a implantação do projeto de coleta de dados e programas computacionais:

Miriam Lemle o procurou para articularem a proposta sob encomenda do Mobral que tinha que cumprir dois requisitos: ser pesquisa e ter o uso do computador. Naro disse que sabia o que fazer, pois tinha assistido anteriormente a uma palestra de Labov, em Chicago; entrou então em contato com ele, que indicou Gregory Guy, que veio ao Brasil realizar coleta de dados e trazer os programas computacionais para o projeto. E assim a sociolinguística variacionista se torna uma linha de pesquisa no

Brasil. Não foi algo planejado; foi, segundo Naro, um “conjunto de circunstâncias” (e interesses) que levou a este empreendimento (FREITAG, 2016, p. 452).

Na figura 16, o professor livre-docente pela UFRJ (Universidade Federal do Rio de Janeiro), Anthony Julius Naro em entrevista a revista ABRALIN (Associação Brasileira de Linguística) em 01 de janeiro de 2020:

Figura 16: Anthony Julius Naro



Fonte: <https://www.facebook.com/abralin.official/>, 2020.

Outros bancos de dados (sócio) linguísticos do Brasil, a exemplo do projeto Variação Linguística Urbana da Região Sul do Brasil (VARSUL), o primeiro a replicar o modelo do PEUL, seguem as mesmas diretrizes: são baseados em comunidades de fala, com seleção dita “aleatória” de informações que tenham nascido na comunidade, onde tenham vivido pelo menos 2/3 de suas vidas, filhos de pais com as mesmas características e reconhecidos pelos pares como membros da comunidade de fala (FREITAG; MARTINS; TAVARES 2012).

Nesse contexto, pode-se dizer que “a Sociolinguística é, sobretudo linguística. A teoria da Variação é uma metodologia. Tem que ter por detrás uma teoria linguística. [...] a Sociolinguística é essa: o que ela faz é estudar a gramática em ação” (VOTRE & RONCARATI, 2008, p. 14). Desse modo, é importante abordar o estudo sobre variação linguística:

3.2 A PERSPECTIVA SOB O PONTO DE VISTA DA VARIAÇÃO LINGUÍSTICA

Dentro da área de estudo da sociolinguística há várias perspectivas. Uma delas aborda a questão da variação linguística.

Como visto anteriormente, a Sociolinguística surgiu na década de 1960 inovando os modelos teóricos, que antes atribuíam à língua como um sistema homogêneo, invariável. Foi então, nessa época em que os estudiosos (filósofos, linguistas, professores, pesquisadores) apresentaram um novo conceito de heterogeneidade linguística uma vez que evidenciaram não ser possível estudar a língua sem estudar a sociedade em que ela é falada:

O grande avanço da sociolinguística se funda basicamente na sua conceituação de língua como sistema intrinsecamente heterogêneo, em que se entrecruzam e são correlacionáveis fatores intra e extralinguísticos, ou seja, fatores estruturais e fatores sociais (como classe, sexo, idade, etnia, escolaridade, estilo) (MATTOS & SILVA, 2004, p. 299).

Desse modo, a teoria da variação atua num contexto social, uma vez que parte da explicação para a heterogeneidade que surge nos usos linguísticos concretos é possível ser encontrada em fatores externos ao sistema linguístico e não só nos fatores internos à língua, conforme as autoras Mollica e Braga (2017, p. 67) “[...] a teoria da variação linguística capta exemplares da língua em uso num contexto social e pode dirigir, assim, seu foco de interesses imediato para esses condicionamentos externos. [...]”.

De acordo com Marcos Bagno, toda a língua possui variação de duas ordens:

Em função do falante (ou, em termos de comunicação, do emissor) e em função do ouvinte (ou do receptor e também das circunstâncias em que se produz a fala). À primeira ordem pertencem as variantes que se podem chamar dialetais em sentido amplo: variantes espaciais (dialetos geográficos), variantes de classe social (dialetos sociais ou diastráticos), variantes de grupos de idade (dialetos etários), variantes de sexo (dialetos masculino e feminino), assim como variantes de gerações (variantes diacrônicas). Na segunda ordem de variação incluem-se as variantes [...] de registro: variantes de grau de formalismo, variantes de modalidade (falada e escrita) e variante de sintonia (ajustamento do emissor para o receptor) [...] (BAGNO, 2004, p. 12).

Nesse contexto, esse conjunto de variantes deve ser regional, sociocultural, etário, por exemplo, e as “variações linguística são, portanto, diversas maneiras de se dizer a mesma coisa em um mesmo contexto, e com o mesmo valor de verdade. A um conjunto de variantes dá-se o nome de variável linguística”. (TARALLO, 2001, p. 8). Nesse sentido, a variação das formas de se introduzir e apresentar o mesmo conteúdo contextual pode contar com o auxílio de variáveis para esse resultado.

Diante disso, a depender do uso de variações dessa natureza percebe-se que o mesmo contexto é possível ser representado de diferentes maneiras. Este recurso pode ser utilizado, por exemplo, para demonstrações de diferenças regionais e culturais. Na língua francesa, por exemplo, existem diversas variantes que expressam uma mesma realidade isso devido a diferenças do francês escrito para o falado, e por variações de ordem linguística, geográfica e social, dessa forma várias maneiras podem expressar a mesma coisa (BAGNO; STUBBS; GAGNÉ, 2002). A língua portuguesa brasileira, como assegura Bagno (2003, p16), “apresenta um alto grau de diversidade e de variabilidade”. Por exemplo, essas variantes são percebidas nos diversos dialetos existentes como o mineiro, carioca, gaúcho, baiano, pernambucano, sulista, paulistano, etc.

Conforme Chérolet (2019, p. 1) “o português brasileiro é composto por dialetos regionais, o que possibilita que substantivos recebam outros nomes a depender da localidade em que são ditos. É o caso de biscoito e bolacha; sandália e chinelo; macaxeira, aipim e mandioca; tangerina e mexerica; etc”. A autora cita os tipos de dialetos brasileiros: Baiano; Brasiliense; Caipira; Carioca; Florianopolitano ou manezinho da ilha; Fluminense; Gaúcho; Mineiro; Nordeste central; Nortista; Paulistano; Recifense; Serra amazônica; Sulista. (CHÉROLET, 2019).

Nesse contexto, é possível encontrar no Brasil diversas variações linguísticas, por exemplo, na linguagem regional, conforme pode-se observar no exemplo do quadrinho de Maurício de Souza, na figura 17:

Figura 17: Regionalismo:



Fonte: <https://www.todamateria.com.br/variacoes-linguisticas/>, 2022.

Nesse exemplo, é possível perceber o regionalismo no diálogo dos personagens Chico Bento e Zé Lelé, tema do próximo tópico.

3.2.1 Regionalismos e suas principais características

Inicialmente, partindo-se do pressuposto de que cada região desenvolveu-se com suas características particulares como cultura, literatura, linguística e política que ajudaram a compor a variedade de culturas de uma nação chega-se a melhor compreensão do significado de regionalismo. Nesse sentido, é possível destacar o regionalismo na literatura, regionalismo linguístico e regionalismo político.

Conforme Candido (2007) descreve, o regionalismo está presente na literatura brasileira em três fases distintas: num primeiro momento, está circunscrito no romantismo e na sua valorização da cor local e da natureza, num contexto que os românticos estavam imbuídos da missão de construir a cultura brasileira como é o caso dos escritores Bernardo Guimarães,

José de Alencar, Visconde de Taunay e Franklin Távora. Num segundo momento, já na virada do século XIX, há uma valorização do pitoresco que sobrepuja a ação humana, colocando o homem como mais uma peça da paisagem exótica como o que ocorre nas obras de Coelho Neto, Afonso Arinos, Simões Lopes Neto, dentre outros. A terceira fase corresponde aos escritores da geração de Trinta e aqui há uma diferença evidente nos propósitos que cada grupo desejava alcançar.

É possível entender por regionalismo, diante desse contexto, as diferentes características específicas presentes naquela área geográfica, a qual pode ser representada por meio da respectiva expressão linguística, oral e verbal.

Salienta-se ainda o fato de parcela significativa das narrativas românticas construírem um ethos direcionado mais a afirmação do elemento nacional e integrador do que regional, como se constata nos românticos, com Alencar exemplificando esta tendência, onde o sentido particularista que caracteriza o regionalismo praticamente inexistente. O que, de outro modo, não oblitera o reconhecimento de que algumas obras românticas se utilizam de tipos regionalmente configurados – o gaúcho, o vaqueiro cearense – para a execução de uma dimensão nacionalista, apesar da presença de tipos considerados *lato sensu* como regionalistas. Com Alencar, em *O gaúcho* e *O sertanejo*, ao mesmo tempo em que se patenteia a evolução do romance na regionalista brasileiro, essas obras realizam a transição entre o indianismo nacionalista (*O guarani*) e o regionalismo particularista (DINIZ; COELHO, 2005, p. 421).

Diante disso, segue figura 18, algumas obras com histórias de caráter regionalista da literatura brasileira:

Figura 18: Obras da literatura regionalista



Fonte: <https://conhecimentocientifico.com/regionalismo/>, 2022.

É importante ressaltar que, devido às particularidades de cada região, alguns aspectos linguísticos podem, ser encontrados apenas em determinadas áreas, sendo características das variantes regionais. Conforme figura 19:

Figura 19: Dialeto do Português Brasileiro



Fonte: <https://www.thefools.com.br/blog/post/dialetos-do-portugues-brasileiro>, 2022.

Porém, é importante destacar que o regionalismo brasileiro não está concentrado apenas em torno da escola literária pois envolve também o subdesenvolvimento do povo, o que começa a ser retratado por autores em suas obras ao longo do tempo:

A discussão acerca do regionalismo brasileiro não se esgota apenas na escola literária consagrada pela geração de Trinta. Mais do que isso, o regionalismo se coloca como elemento central na compreensão do subdesenvolvimento brasileiro e como os autores trataram dessa questão ao longo do tempo. Se, inicialmente, havia o exotismo da natureza e do índio, posteriormente, passou a ser tratado de forma mais humanizadora, ou seja, o local passou a não ser simplesmente um pano de fundo, mas compreendido numa relação dialética do homem com o meio (CECCARELLO, 2010, p. 15).

Nesse sentido, “o regionalismo, como o conhecemos, é uma das respostas a essa tensão, desde o início, no Romantismo, até os dias de hoje, quando o vasto horizonte de possibilidades temáticas e expressivas, oriundos da prolífica diversidade e da extrema desigualdade econômica, que recortam o Brasil em regiões, [...]” (PELLEGRINI, 2008, p. 119).

Segundo Bourdieu (1989 *apud* Bodart, 2020) o regionalismo é uma manifestação ideológica, marcada por uma identidade social/cultural imposta a um grupo, utilizado para mobilizar os indivíduos em torno de questões coletivas e sendo possível a análise com uma visão política de um jogo de dominação. E conforme Engels; Marx (2007 *apud* Bodart, 2020) o regionalismo é uma expressão da luta de classe dentro do território, representando as manifestações hegemônicas ideológicas, já que, como destacaram as ideias dominantes serão sempre as ideias dos grupos dominantes.

Diante disso, foi apresentado brevemente nesse tópico o regionalismo na literatura, o regionalismo linguístico e regionalismo político. No tópico seguinte aborda-se o estudo dos falares gaúcho, visando adquirir base teórica para a proposta temática do presente trabalho.

3.2.1.1 *As influências formadoras dos falares gaúcho*

A linguagem representativa da fala do homem dos pampas origina-se do português e espanhol e sua peculiaridade, por não ter sido determinada pelo léxico dos povos indígenas. Desse modo, a variedade particular de português que se passou a falar e a construir no pampa do Rio Grande do Sul. (SCHLEE, 2019).

Segundo a autora Luvizotto (2009, p. 25) descreve, “o gaúcho é resultado da miscigenação de portugueses, espanhóis, africanos, alemães e italianos com o índio da terra. Mas esse grupo não sabia como mostrar suas raízes históricas, seus costumes nativos, sua maneira de ser”. Além disso, a miscigenação ocorrida no Rio Grande do Sul contribuiu significativamente para a grande variedade regional existente:

Variedade regional do português rio-grandense: [...] caracterizado por uma matriz de base açoriana, moldada por diferentes contatos linguísticos de fronteira e de imigração, além das contribuições valiosas de línguas indígenas e afro-brasileiras. A esta variedade regional rio-grandense falada pela população de modo geral, caracterizada como um mosaico histórico de diversas contribuições soma-se no plano cultural regional a cultura gauchesca [...] (COORDENAÇÃO DO COLEGIADO SETORIAL DA DIVERSIDADE LINGUÍSTICA DO RS, 2018, p. 10).

Conforme Sturza (2006) com o fim da Revolução Farroupilha no século XIX, ferve o cenário intelectual, com publicações de estudos linguísticos em diversas áreas. Nessa época surgem os primeiros estudos sobre o vocabulário sul-rio-grandense com o objetivo de registrar o léxico do falar do gaúcho.

A língua é capaz de identificar o lugar a qual pertence determinado indivíduo, seja natural de alguma cidade, país ou região. Desse modo, é possível identificar o gaúcho pela sua vinculação linguística com sua identidade regional, pois:

No caso do Rio Grande do Sul, a “coisa” regional decorreu principalmente de um desejo oculto de pertencimento de uma identidade brasileira diversa por origem fronteiriça e culturalmente híbrida. A ambivalência do movimento de absorção de imaginários estrangeiros, combinando traços de cultura portuguesa, acentuados pelo contato permanente com os platinos, volta-se para a construção de uma identidade própria que busca, no entanto, integrar-se ao resto do país (CAMANI; STURZA, 2010, p. 57).

Para Petri (2009), o português falado no Rio Grande do Sul, é popular, é diferente da Língua Portuguesa em sua forma erudita, em suas normas cultas. Ele não é puro, pois a ele se agregam, no passado, elementos uruguaios, argentinos paraguaios, guaranis, tupis, quíchuas,

araucanos, áfricos e de várias procedências, resultado do contado entre diferentes grupos sociais ou étnicos. Um exemplo na figura 20:

Figura 20: Tapejara – o último guasca



Fonte: www.tapejaraoultimogasca.blogspot.com.br, 2022.

O personagem “Tapejara-o último guasca”, do cartunista Paulo Louzada, retrata bem o português falado no Rio Grande do Sul. Além disso, a música Canto Alegretense de Neto Fagundes, cantor e compositor de música regional, representam a exaltação à terra que é uma das características do regionalismo.

Conforme Juliane Tatsch (2013), cujo trabalho de mestrado foi aprofundado nas tiras do Livro *Tapejara - o último guasca*, a palavra “Tapejara”, nome do personagem, vem do guarani em que *tape* (caminho) e *jara* (senhor) e a palavra guasca, conforme nas palavras do autor do personagem, corresponde a uma tira de couro crua atribuída a um tipo grosseiro, rude e ignorante (na visão do homem citadino). A recuperação dessas palavras, relacionadas ao tipo social, que o especifica, na percepção da autora é desse modo que a linguagem gauchesca remete as lidas campeiras e ao modo de vida do gaúcho. Para dar sequenciamento a essa discussão, o próximo tópico aborda o tema tradicionalismo gaúcho.

3.2.1.2 *As contribuições étnicas para a formação do tradicionalismo gaúcho*

Originalmente a palavra tradição teve um significado religioso: doutrina ou prática transmitida pelos séculos pelo exemplo ou pela palavra. Tradição é um produto do passado que continua a ser aceito e atuante no presente. É um conjunto de práticas enraizado nos costumes de uma sociedade que tem a função de preservar para ela mesma, costumes, comportamentos, memórias, crenças entre outros (SILVA; SILVA 2006).

A noção de tradição remete, antes de tudo, a ideia de uma posição e de um movimento no tempo. A tradição seria um fato de permanência do passado no presente. Uma sobrevivência em obra, o legado ainda vivo de uma época; contudo de uma época esgotada. Seria algo de antigo, por suposto conservado relativamente sem mudança, e, por certas razões e segundo certas modalidades, objeto de transferência para um novo contexto. A tradição seria o antigo persistindo no novo (LENCLUD, 2013, p. 151).

Nesse contexto, onde costumes, religião, produtos, linguajar entre outros elementos de épocas passadas que permanecem ainda sendo utilizados atualmente, são elementos que caracterizam determinada região.

Diante disso a região rio-grandense, assim como todas as outras regiões do Brasil e do Mundo são caracterizadas conforme sua base, ou seus primeiros povos.

Conforme Gutfreind (2006), a sociedade rio-grandense foi formada por diferentes etnias, entre elas índios, negros, brancos e mestiços. Assim, conviviam juntos em território sulino, vários grupos sociais, como charqueadores, estancieiros, peões, lavradores, militares e soldados. No entanto no imaginário coletivo da sociedade, “[...] a multiplicidade de grupos sociais desaparece e sobressai-se um único tipo, o gaúcho” (GUTFREIND, 2006, p. 241).

Alguns estudiosos afirmam que o tradicionalismo gaúcho provem em sua maior parte da origem germânica, pois foram os primeiros imigrantes a se firmarem na região.

Segundo Weber (2010, p. 18) “Grande parte da responsabilidade da organização do tradicionalismo gaúcho é decorrente desta contribuição germânica, pois o gaúcho primário, originário dos pampas, era nômade, dificilmente tinha paradeiro certo e não podia ser considerado associativista”. A partir de 1848, segundo Luvizotto (2010) o perfil (boa parte dos imigrantes alemães era constituída por artesãos e assalariados urbanos e rurais) mudou e “desde então, começaram a chegar ao Rio Grande do Sul, exilados políticos, sociais democratas e anarquistas alemães” (LUVIZOTTO, 2010, p. 24),

Entretanto, também é possível atribuir essa responsabilidade aos imigrantes italianos os quais mantinham suas próprias tradições micro regionais (lugar de onde eles vinham, ou seja, lugar de origem):

Os emigrantes não representavam um grupo homogêneo e mantinham seus costumes regionais e seus dialetos próprios. O sentimento entre eles era o regional que permaneceu vivo durante muitos anos. Os emigrantes não se consideravam italianos, mas sim vênnetos, trentinos, lombardos, friulanos, etc. (IOTTI, 2010, p. 30).

No entanto, de acordo com Manfroi (2001) o fator que possibilitou a união entre estes diferentes imigrantes nas colônias brasileiras foi a religião. Com a recente unificação, os imigrantes não chegaram a estabelecer uma consciência nacional ou sentimento de italianidade,

além de não possuírem uma língua comum. A grande maioria dos imigrantes era católica, e a prática da religião foi a força integradora entre eles. O culto da fé tornou-se fator de moral, sendo fundamental a participação nas celebrações litúrgicas dos domingos e nos dias de festas. Era preciso ser praticante para ser considerado pessoa de fé, e, portanto, aceito pelos demais.

Dessa forma, a cultura gaúcha está formada por variados elementos históricos e sociólogos conforme Luvizotto (2010, p.19):

A cultura gaúcha e suas expressões estão alicerçadas em tradições, em conhecimentos obtidos pela convivência em grupo, somados a diversos elementos, entre eles, os históricos, os sociológicos. Seus legados e sua tradição são transportados para as gerações seguintes, sujeitos as mudanças próprias de cada época e circunstância.

Em vista disso recorda-se de muitas figuras gaúchas importantes como artistas, poetas, escritores, cantores, pintores, alguns presidentes do Brasil, transportam para gerações seguintes a cultura e tradições gaúchas, cabe aqui lembrar, apenas alguns nomes da área da escrita: Érico Veríssimo, Luís Fernando Veríssimo, Mário Quintana, Mário de Andrade, Oswald de Andrade, João Simões Lopes Neto, Apolinário Porto Alegre.

Posto isso, vale ressaltar algumas tradições gaúchas conforme a Federação dos Empregados no Comércio de Bens e Serviços do Estado do Rio Grande do Sul (FECOSUL):

Chimarrão [...] a tradição do chimarrão é antiga. Soldados espanhóis aportaram em Cuba, foram ao México "capturar" os conhecimentos das civilizações Maia e Azteca, e em 1536 chegaram à foz do Rio Paraguay. [...] **A Cozinha Gaudéria** [...] conta com mais de uma centena de pratos típicos, sofrendo a influência da colônia alemã e da italiana. Curiosamente, não existe relação com a culinária de origem portuguesa, indígena ou castelhana. Apesar de rica e variada, não podemos nos esquecer que este era o alimento do gaúcho de bota, **bombacha e cavalo** na dura **lida campeira** [...] **CTG** [...] são sociedades sem fins lucrativos, que buscam divulgar as tradições e o folclore gaúcho. É um local de integração social dos tradicionalistas [...] **Fogo de Chão** [...] enquanto o chimarrão corria de mão-em-mão. O "Fogo de Chão" aquecia o sentimento nativo do mestiço, projetando-se o ideal campeiro do gaúcho e isso foi passado de geração para geração [...] **O Laçador**: monumento "Laçador" foi criado por Antonio Caringi, inaugurado em 20/09/1958, no Largo do Bombeiro, em Porto Alegre - RS, tendo por modelo Paixão Côrtes [...] **Churrasco**: com papel importante na formação da identidade cultural gaúcha, o churrasco é uma das maiores tradições da região. Com origem em terras remotas dos pampas, a carne na brasa ao estilo do Rio Grande do Sul ganhou o resto do país [...] (FECOSUL, 2015, p. 1).

Em vista disso, é possível dizer que o gaúcho é um tradicionalista, pois vive no seu dia a dia sendo um tradicionalista, com seu chimarrão, churrasco, cavalo, bombacha, seu dialeto, suas danças nos CTGs entre outros.

CAPÍTULO 3 – HISTÓRIA DE JAYME CAETANO BRAUM

O estudo referente a esse capítulo busca analisar os diferentes aspectos acerca da vida e obra de Jayme Caetano Braun.

Sendo assim, conteúdo deste capítulo consiste em brevemente expor elementos e características contidas nos textos de Jayme e explica as origens da sua narrativa voltada aos valores do campo, da cultura gaúcha e que o acompanharam durante toda sua trajetória de vida. Em especial, apresenta-se o poema Bochincho por ser tema desse trabalho, bem como a análise semântica, análise estrutural e o regionalismo presente nesse poema.

Nas palavras de Ribeiro (2008, p. 1) “Foi sempre a emoção que norteou o poeta. A inspiração (cerne da sua poesia) saía abrindo caminhos, na frente da informação e da rima. Esse era o grande diferencial de Jayme Caetano Braun: “O poeta era toda inspiração”!”.

4.1 BIOGRAFIA DO POETA JAYME CAETANO BRAUN

Jayme Caetano Braun nasceu conforme o Portal das Missões (2022) nasceu na localidade de Timbaúva (30 de janeiro de 1924 - 8 de julho de 1999) na época distrito de São Luiz Gonzaga, na Região das Missões no Rio Grande do Sul.

Figura 21: Jayme Caetano Braun



Fonte: <https://www.portaldasmissoes.com.br/imagens>, 2022.

Segundo Vinícius Ribeiro (2008), o qual se identifica, em seu *blog*, como sendo primo de terceiro grau de Braun, descreve o nome dos familiares do poeta: Filho de Dona Euclides Ramos Caetano Braun e do Sr. João Aloysio Thiesen Braun sendo os Avós maternos: Aníbal Antônio Souza Caetano e Florinda Ramos Caetano e Avós paternos: Jacob Braun e Guilhermina Thiesen Braun e por fim seus Irmãos: Maria Florinda, Terezinha, Judite, Zélia e Pedro Canísio. (Jayme foi o 2º filho do casal Braun). O autor apresenta em sua pesquisa algumas fotos conforme figura 22 (e alguns documentos disponíveis nos anexos III e IV):

Figura 22: Braun com seus pais e irmãos



Fonte: <https://vinciusribeiroescultor.blogspot.com/search?q=Jayme>, 2022.

Diante disso, seguem alguns pontos importantes da biografia de Jayme Caetano Braun conforme Ribeiro (2008) descreveu em sua pesquisa:

Na década de 40, o poeta teve em suas primeiras experiências profissionais como bolicheiro (encarregado de boliche, casa de jogos) depois, começou a participar de campanhas políticas. Seu poema “O Petição de São Borja” referente a Getúlio Vargas foi publicado na época em revistas e jornais do país e participou na campanha de seu primo e padrinho político.

Em 1948 iniciou o programa, no rádio, chamado “Galpão de Estância” (existente até os dias atuais, atualmente a cargo de Alcides Figueiredo) juntamente com Dangremon Flores e Darci Fagundes. Deste nome veio a surgir mais tarde o 1º CTG em São Luiz Gonzaga

chamado CTG Galpão de Estância, um dos mais antigos do estado, Jayme foi um dos fundadores e seu tio materno, Nico Caetano, foi o primeiro patrão.

A convite de Ruy Ramos (em boa hora) foi para Porto Alegre (entre 1951 e 52). Passou a ser funcionário do IPASE (Instituto de Previdência e Assistência dos Servidores do Estado, órgão federal). Era auxiliar de farmácia, depois passou a ser auxiliar da tesouraria, por um período foi diretor da Biblioteca em Porto Alegre no ano de 1959 a 1963 (convite do amigo e então governador Leonel Brizola) após retornou a tesouraria e mais tarde passou para o IAPAS (antigo Instituto de Administração Financeira da Previdência e Assistência Social, hoje atual INSS) como fiscal da previdência onde ficou até se aposentar.

Os seus primeiros poemas foram publicados em 1943, no jornal A Notícia de São Luiz Gonzaga, assim como seu 1º Livro Galpão de Estância, em 1954.

O poeta teve como seus ídolos na poesia foram: Laurindo Ramos (tio avô); Juca Ruivo; Balbino Marques da Rocha; João Vargas do Alegrete; Vargas Netto e os insuperáveis Atahualpa Yupanqui e José Hernandez (Martin Fierro);

Por fim, Braun faleceu no dia 8 de julho de 1999 às 5 horas e 30 minutos, aos 75 anos de idade, na clínica São José em Porto Alegre, vítima de complicações cardiovasculares. O corpo foi velado às 17 horas no Salão Nobre Negrinho do Pastoreio, no Palácio Piratini, sede do governo estadual gaúcho; foi enterrado no cemitério João XXIII em Porto Alegre.

O poeta enalteceu o regionalismo, os costumes, a bravura, os valores e outros, do povo gaúcho tornando como marca em suas obras.

A obra de Braun pode ser analisada do ponto de vista de que as poesias desse autor, ao falarem da terra e dos costumes do povo gaúcho, tocavam até mesmo os elementos mais brutos, utilizando-se para isso de uma narrativa dos momentos vivenciados por heróis consagrados da historicidade do povo sulista, em que se destaca, normalmente, a bravura e o apego aos valores morais que, de acordo com as lendas criadas em torno da conquista do território rio-grandense-do-sul, eram defendidos por aqueles personagens (HERNANDEZ, 2014, p. 13).

Dentre os vários temas regionalistas em suas obras, Braun abordou também sobre a religiosidade, índios e natureza, “Braun enalteceu a obra dos jesuítas junto aos índios nas duas margens do rio Uruguai, escapando habilmente da polêmica sobre a dupla identidade hispano-lusa do Rio Grande do Sul” (HASSE, 2019, p. 1).

Jayme Caetano Braun deixa em seu legado grandes obras entre livros, poemas, CDs e discos (Anexo II) pode-se destacar os livros Galpão de Estância, Bota de Garrão, Pendão Farrapo, os CDs: Payada da Saudade, Piazedo, Remorsos de Castrador e os poemas: Bochincho, Tio Anastácio, Galo de Rinha entre outros.

4.2 ESTRUTURA E NARRATIVA DO POEMA “BOCHINCHO”

A análise da estrutura do poema Bochincho (Anexo I) tem como base alguns elementos principais como a estrofe, versos, métrica, rima e ritmo.

A estrofe é um conjunto de versos e o verso corresponde a uma linha do poema (GOLDSTEIN, 2006). A denominação quanto ao número de versos agrupados é a seguinte:

Monóstico - estrofe com um verso
 Dístico - estrofe com dois versos
 Terceto - estrofe com três versos
 Quadra ou Quarteto - estrofe com quatro versos
 Quintilha - estrofe com cinco versos
 Sextilha - estrofe com seis versos
 Septilha - estrofe com sete versos
 Oitava - estrofe com oito versos
 Nona - estrofe com nove versos
 Décima - estrofe com dez versos
 Os sonetos são poemas que obedecem a uma forma fixa, são compostos por quatorze versos (dois quartetos e dois tercetos)
 (FERNANDES, 2022, p. 1).

Conforme Silva (2022), o verso pentassílabo é conhecido como redondilha menor, o verso heptassílabo é conhecido como redondilha maior.

A métrica corresponde à medida do verso e os versos em relação à métrica podem ser isométricos ou isossilábicos, quando tem o mesmo número de sílabas ou heterométricos ou heterossilábicos quando possui número diferente de sílabas (FILHO, 2022).

Quanto às rimas segundo Mendes (2014), apresentam-se de diferentes formas e de acordo com que ela se dispõe pode receber determinada classificação. As principais são: rimas cruzadas, em parêla e misturadas. Já o ritmo “é um recurso estilístico que consiste na divisão de tempo em períodos uniformes mediante a sucessão de intensidades diferentes nas sílabas poéticas dos versos” (RIGONATTO, 2022, p. 1).

A estrutura do poema Bochincho está formada conforme o exemplo de sua primeira estrofe:

A um / bo/**chin**/cho,/ cer/ta / **fei**/ta
 ...1.....2.....3.....4.....5...6....7
 fui / che/**gan**/do / de / cu/**rio**/so
 que o / **ví**/cio é / que / nem / sar/**no**/so
 nun/ca / **pa**/ra / nem / se a/**jei**/ta
 bai/le / de / **gen**/te / di/**rei**/ta
 vi / de / **pron**/to / que / não / **e**/ra
 na / **noi**/te / de / pri/ma/**ve**/ra
 ga/gue/**ja**/va a/ voz / de um / **tan**/go
 e eu / sou / **lou**/co / por / fan/**dan**/go
 que / nem / **pin**/to / por / qui/**re**/ra

Dessa forma, é possível dizer que o poema Bochincho possui **18 estrofes** formadas por **10 versos (redondilha maior)** e pode ser classificado como: **Décima** – estrofe com dez versos; **Isossilábicos** – versos com mesmo número de sílabas; **Heptassílabo** - verso com sete sílabas; (a contagem das sílabas vai até a última sílaba tônica do verso, desprezando-se a(s) sílaba(s) átona(s) subsequente(s)). **Rima em Parelha** e Ritmo: **sete dos dez versos mantêm a tônica na terceira sílaba**, regularidade que dá ritmo ao poema e para evitar a monotonia rítmica, os três versos restantes apresentam tonicidade interna na 2ª ou na 4ª sílaba.

O poema Bochincho (disponível na íntegra no anexo I) está repleto de termos e expressões regionais que enriquecem muito essa obra do Braun. Foi publicado pela primeira vez no livro “Bota de Garrão” de 1966.

Tratando-se o poema Bochincho de um poema narrativo, cabe aqui esclarecer brevemente o que caracteriza um poema narrativo, desses modo Salles descreve que:

O poema narrativo caracteriza-se como a manifestação literária em verso na qual se realiza a narração ficcional de fatos ou de ações antropomorfizadas, com traços dramáticos, cômicos ou sérios e pode ser de alcance universal, regional ou local dado a presença ou a ausência de grandiosidade (SALES, 2011, p. 123).

Portanto, poemas narrativos, narram em verso, fatos ou histórias com ações de características humanas que podem ser engraçadas, dramáticas ou sérias e entendidas no sentido universal, regional ou local.

A narrativa do poema se dá em torno do bochincho, nome dado ao local em que as pessoas reuniam-se para dançar. O local dessa narrativa é um rancho coberto por capim com paredes de pau a pique preenchidas com barro e é nesse local que acontece a história com o personagem gaúcho.

O gaúcho entra no fandango, e na primeira vista já se encanta por uma moça e rapidamente lhe tira para dançar. Acontece que tal atitude desperta ciúme em certo sujeito que vem a ser o dono do bochincho e também parceiro da moça. Dessa situação, desencadeia-se uma briga entre os dois personagens. O dono do Bochincho ataca primeiro o gaúcho, e por sorte não o acerta, ao contrário do revide, que com um golpe de facão fere brutalmente o sujeito no rosto.

O narrador do poema, que é o personagem gaúcho, se arrepiava quando lembra dessa história, e compara seu adversário ferido, caído no chão, com um touro ajoelhado. Na sequência a briga torna-se generalizada. Conta que mulheres descabeladas e desesperadas, aos gritos

e choros, entre tiros, se estreitavam na porta e tentavam fugir desesperadamente. No entanto, o gaiteiro, alheio a briga, seguia tocando um xote, como se nada estivesse acontecendo.

Em certo momento, o gaúcho narra que se pos a pensar, estava quase sem munição e todos atirando contra ele, pensou em fugir pela porta dos fundos, porém lá estavam esperando por ele, foi então que fugiu pela porta da frente. Correu para o mato abaixo de tiroteio e de lá ainda ouvia o som da gaita. O narrador conta que o gaúcho (ele mesmo), em determinado momento, aproveita foge e mergulha no Rio Uruguai atravessando-o a nado.

Por fim, conta que cada vez que declama o Bochincho, todos perguntam da tal moça e fica sem entender por que ninguém se importa com ele, depois da situação de perigo que passou. A moça nunca mais viu somente em seus sonhos.

4.2.1 Análise semântica do poema Bochincho

Esse tópico refere-se à análise semântica do poema Bochincho, fundamentado no levantamento teórico exposto neste trabalho.

As figuras de linguagem trazem expressividade ao poema de Braun, fazendo valer suas intenções no que diz respeito ao gênero tradicionalista gauchesco do poema Bochincho.

Desse modo, apresentam-se no quadro 1, algumas figuras de linguagens encontradas, por verso, no poema:

Quadro 1: Figuras de linguagens encontradas nos versos

Figuras de Linguagens	Versos do Poema
Metáfora: (emprego de palavra fora do seu sentido normal, feito por comparação).	Que o vício é que nem sarnoso
	Sentia o mundo pequeno
	Quis me partir pelo meio
	Eu não vou ficar pra semente
	Mas senti o calor do aço
	Ficou relampeando o osso!
	No espelho das aguadas
Comparação (ou símile): (comparação direta entre elementos em uma sentença)	Que o vício é que nem sarnoso
Eufemismo: (palavras/expressões agradáveis que substituem as desagradáveis)	No ambiente fumacento
	Uma espécie de relincho
	Eu consegui tirar o talho
	Lembrando aquela peleia
	Mas vi nascer, no pescoço
	Como uma cinta vermelha
	E desde o beijo até a orelha
	Ficou relampeando o osso!
Dum bochincho quando estoura	

	Tinidos de adaga, espora E gritos de desacato Berros de quarenta-e-quatro O índio que não se garante E, dali, eu ganhei o mato
Hipérbole: (expressão exagerada de uma ideia)	E eu sou louco por fandango ;Ógale!, China lindaça! Num berreiro alucinante
Antítese: (confronto de ideias opostas entre si)	Misto de diaba e de santa
Prosopopéia ou personificação: (atribui vida a seres inanimados)	E a gaita choramingava A gaita velha gemia
Litotes ou litótis: (afirmar algo usando a negação)	Não há quem pinte o retrato Eu não vou ficar pra semente
Ironia: (intensão sarcástica)	Baile de gente direita Que até dormindo tocava Mais sério do que um capincho O gaiteiro alheio a tudo
Apóstrofe: (ênfatisa uma ideia/expressão)	;Ógale!, China lindaça! Do turumbamba de bala! E ninguém se importa comigo!
Oximoro ou paradoxo: (relacionam duas palavras antônimas)	Misto de diaba e de santa
Gradação: (sequência de palavras ou expressões estabelecendo entre elas uma progressão, ascendente ou descendente).	Não possui
Reticências ou aposiopese: (interrupção do pensamento)	Não possui

Fonte: Autor, 2022.

4.2.2 Os regionalismos presentes no poema

Como foi visto anteriormente, no embasamento teórico deste exposto, os regionalismos presentes em obras demonstram a representação dos costumes, valores morais, religiosidade, linguajar de determinado lugar.

Desse modo, foi realizada a análise da significação das palavras do poema Bochincho e destaca-se conforme quadro 2, as palavras regionalistas encontradas bem como, seus significados

Quadro 2: Palavras regionalistas do poema Bochincho

Verso do Poema	Regionalismo	Significado
01	Bochincho	Reunião de pessoas em um evento no interior.
03	Sarnoso	Sarnento, desgraçado.
09	Fandango	Qualquer tipo de dança.
10	Quirera	Milho (ou arroz) quebrado para pintos e pássaros.
11	Baio	Animal que tem pelo amarelado ou tom cor de ouro.
12	Guamirim	É um arbusto resistente, de extraordinária dureza.
13	Guri	Piazinho, menino.
22	Barreado	Revestido com barro.
24	Banzé	Briga.
25	Chinaredo	Mulher, prenda.
25	Bolapé	Vau de um rio bem cheio.
26	Fumacento	Fumaça + vento.
28	Lusco-fusco	O anoitecer.
31	Tiangança	Mulher de meia idade.
32	Costado	Do lado.
33	Entreverado	Entre os outros, misturado.
35	China	Mulher amorenada.
36	Clina	Crina, cabelo comprido.
37	Brasina	Cor de brasa, avermelhada.
38	Lixiguana	Cheirosa.
39	Pestana	Cochilar, tirar uma soneca.
43	Temporona	Temporã, fora da época;
45	Percanta	Mulher bonita, encantadora.
54	Vanerão	Ritmo gaúcho.
58	Enlevo	Contentamento.
65	Relancina	De relance, repentinamente.
70	Capincho	Capivara.
72	Pinguancha	Mulher normalmente de cabelos negros.
73	Bufando	Ofegando.
74	Rodeio	Lugar no campo.
79	Chomisco	Desprezo.
82	Talho	Rasgo.
89	Marca-touro	Marca de facas antigas e rústicos facões.
90	Medonho	Que causa medo, pavor.
91	Buenas	Saudação, cumprimento de chegada.
95	Peleia	Briga, luta.

111	Varzedo	Conjunto de vargens.
114	Tinidos	Zunidos, grasnidos.
114	Espora	Sujeito abelhudo, intrometido.
118	Baguala	Sujeito estúpido, grosseiro, maleducado.
119	Pacholento	Calmo ou pacífico.
121	Turumbamba	Briga, conflito, desordem.
123	Redemoinhando	Andando em roda
124	Xiru-da-guampa-torta	Peão embriagado.
136	Barbaridade	Não é possível, puxa vida.
140	Xote	Dança de salão.
155	Cordeona	Espécie de gaita.
157	Bandeei	Desertei.
175	Gauderiar	Viver como gaudério.
175	Andejo	O cruzador de caminhos.

Fonte: Autor, com base em Dicionário Poético Gaúcho (Pinto, 2015).

Posto isso, percebe-se que o poema Bochincho possui uma variedade de palavras regionalistas em seus versos. De acordo com a pesquisa realizada no Dicionário Poético Gaúcho, foi possível descrever o significado de cada palavra regionalista encontrada.

As palavras regionalistas descritas no poema Bochincho, e pode-se dizer descritas nos outros poemas de Braun são de suma importância dentro da linguagem tradicionalista gaúcha para expressar a cultura do povo gaúcho. Assim sendo, o autor utiliza a linguagem como meio de exaltação a terra, a vida campeira bem como os costumes do povo gaúcho.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Considerado como ícone pajador do tradicionalismo gaúcho, Jayme Caetano Braun deixa como legado grandes obras entre livros, músicas e poemas. Sua obra é bastante conhecida e Braun é um poeta muito festejado. Estátuas são erguidas em sua homenagem e com seu nome batizam inúmeros locais públicos e CTGs. Porém, há quem diga que esse poeta é pouco estudado diante de sua representatividade na cultura gaúcha. Assim, o poema *Bochincho*, cujo autor deste estudo tem uma admiração em particular, surge como oportunidade para uma singela homenagem ao poeta, e se materializa na concretização deste trabalho.

Nesse contexto, o trabalho desenvolveu-se em torno da temática: A análise semântica do poema “*Bochincho*” de Jayme Caetano Braun e do levantamento da problemática embasada na percepção de que o poema deve ser estudada com maior profundidade, pois, ela não se respalda somente na leitura em si, mas em uma sequência de estudos essenciais para sua compreensão. Dessa forma, para nortear o segmento do estudo, fez-se o seguinte questionamento: Como se dá a construção da análise semântica no poema “*Bochincho*” de Jayme Caetano Braun?

A hipótese, levada em consideração nessa pesquisa, foi a de que, Jayme Caetano Braun é pouco conhecido do lado de cá da fronteira e a pesquisa pode contribuir singelamente para promovê-lo um pouco mais por aqui e assim mostrar a criatividade e a inspiração contidas em sua poesia gauchesca.

Diante disso, o presente trabalho justifica-se quanto a relevância do estudo de poemas no universo escolar, em especial para a realização dessa pesquisa, a importância do estudo do poema *Bochincho*, no que diz respeito a sua compreensão quanto o aspecto regionalista, a estrutura do poema e a significação das palavras, assim como a importância de prestigiar na figura do poeta Jayme Caetano Braun tantos outros poetas regionalistas brasileiros, esquecidos. Quanto a oportunidade o trabalho justifica-se por desenvolver um estudo semântico do poema *Bochincho* sob supervisão acadêmica. E por fim, justifica-se quanto a viabilidade da pesquisa sem custos, cujos materiais investigados foram disponibilizados na biblioteca da UNIPLAC e na *internet*.

Através do método de pesquisa bibliográfica, buscou-se mediante a coleta de dados bibliográficos soluções para o desenvolvimento do objetivo geral de: Apresentar a análise semântica e estrutural do poema “*Bochincho*” de Jayme Caetano Braun, bem como a vida e trajetória desse Poeta, e dos objetivos específicos os quais foram: Discutir os conceitos de

análise semântica; Compreender a estrutura de um poema a partir de seus elementos constituintes e Analisar semanticamente e estruturalmente o poema “Bochincho” de Jayme Caetano Braun.

Posto isto, buscou-se desenvolver o objetivo geral proposto com o embasamento teórico específico sobre semântica, figuras de linguagem, figuras de pensamento, sociolinguística regionalismos, falares e tradicionalismo gaúcho assim como, foi apresentada a biografia de Braun, sua história, obras e o poema Bochincho, principal objeto de estudo desse trabalho.

Para o embasamento do estudo semântico, foi apresentado na fundamentação teórica do primeiro capítulo, conteúdo bibliográfico, utilizando-se de alguns autores conceituados como Sacconi, Abaurre, Pontara, Faraco e Moura entre outros. Foram abordados e confrontados diversos conceitos na área da semântica, assim como as figuras de linguagem e as figuras de pensamento as quais foram demonstradas com exemplos citados pelos autores e exemplos em forma de *charges*, com o intuito de facilitar a compreensão e prender a atenção do leitor.

A compreensão da estrutura do poema foi apresentada através da análise estrutural do poema, cujos elementos analisados foram: estrofe, verso, métrica, rima e ritmo. Os dados levantados referente a estrutura do poema Bochincho apontaram 18 estrofes formadas por 10 versos (redondilha maior). O poema foi classificado como: Décima; Isossilábicos; Heptassílabo; Rima em Parelha e Ritmo onde sete dos dez versos mantêm a tônica na terceira sílaba e os três versos restantes apresentam tonicidade interna na 2ª ou na 4ª sílaba.

Em relação a análise semântica específica do poema “Bochincho” de Jayme Caetano Braun, foi demonstrado em forma de dois quadros. O primeiro quadro apontou as figuras de linguagens e figuras de pensamento analisadas por versos e o segundo quadro apresentou o levantamento das palavras regionalistas contidas no poema bem como seus significados.

Assim sendo, o estudo buscou apresentar o que foi proposto por meio de pesquisa em fontes consideradas de obras de autores conceituados e sob orientação acadêmica. Diante disso foi possível realizar um estudo fundamentado que o torna verdadeiro. Portanto, esse trabalho pode contribuir mediante seu conteúdo, ao esclarecimento de possíveis dúvidas de estudiosos do assunto, bem como auxiliar nas pesquisas futuras.

A experiência de adentrar no estudo do poema, trouxe um enorme aprendizado e inspiração ao estudante, acentuando o interesse pela continuidade e necessidade de aprofundamento do que foi tratado e produzido por esse exposto.

REFERÊNCIAS

- ABRAHÃO, Virgínia Beatriz Baesse. **Semântica enunciação e ensino**. [recurso eletrônico]. 1ª ed. Vitória: EDUFES, 2018.
- ABAURRE, Maria Luiza M.; ABAURRE, Maria Bernadete M.; PONTARA, Marcela. **Português: contexto, interlocução e sentido**. 2ª ed. São Paulo: Moderna, 2013.
- ANDRADE, Maria Margarida; MEDEIROS, João Bosco. **Comunicação em língua portuguesa: para os cursos de jornalismo, propaganda e letras**. 2ª ed. São Paulo: Atlas, 2000.
- AQUERY, Lucas; NETO, Heitor; FARIAS, Humberto; ZATTI, Carol. **Cartaz campanha Monstros 1**. Campanha do CEDECA – Centro de Defesa dos Direitos da Criança e do Adolescente. 2013. Disponível em: < <https://designculture.com.br/este-monstro-tem-nome> >. Acesso em 11 mai 2022.
- BAGNO, Marcos; STUBBS, Michael, GAGNÉ, Gilles. **Língua materna: letramento, variação e ensino**. São Paulo: Parábola, 2002.
- BAGNO, Marcos. **A norma oculta: língua e poder na sociedade brasileira**. São Paulo: Parábola. Editorial, 2003.
- _____. **Linguística da norma**. 2ª ed. Edições Loyola, São Paulo, 2004.
- BECHARA, Evanildo. **Moderna gramática portuguesa**. 37ª ed. Revisada, ampliada e atual conforme o novo acordo ortográfico. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2009.
- BODART, Cristiano das Neves. O que é regionalismo. **Blog Café com Sociologia**, Maceió/AL, p.1-6, ago. 2020. Disponível em: < <https://cafecomsociologia.com/conceito-de-regionalismo/> > . Acesso: 16 mai 2022
- BOURDIEU, Pierre. **O poder simbólico**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1989.
- BROWNE, Chris. Hagar. **Folha de São Paulo**, 12 dez 2003.
- CAMANI, Emanuele; STURZA, Eliana. Entre lusos y castellanos: discursos sobre lengua, cultura y etnia en la historia do Rio Grande do Sul. In: **Estudos hispânicos: história, língua e literatura**. CARDOSO, Rosane; DUTRA, Eduardo. (Orgs.) Santa Cruz do Sul: EDUNISC, 2010.
- CANDIDO, A. **Formação da literatura brasileira**. Rio de Janeiro: Ouro sobre azul, 2007.
- CANÇADO, Márcia. **Manual de semântica: noções básicas e exercícios**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2008.
- CABRAL, Ana Lúcia Tinoco. **A força das palavras: dizer e argumentar**. 1ª ed. 1ª reimpressão. São Paulo: Contexto, 2011.
- CARVALHO, Paulo S.R. **Gramática aplicada**. Academia de cultura do Paraná. 26ª ed. 2005.

CASTILHO, Ataliba T. **Nova gramática do português brasileiro**. 1ª ed. 3ª reimpressão – São Paulo: Contexto, 2014.

CECCARELLO, Vera Helena Picolo. **O debate acerca do regionalismo nos dias atuais: o caso da obra de Milton Hatoum**. VI ENECULT. Encontro de Estudos multidisciplinares em Cultura 25 a 27 de maio de 2010 – Facom-UFBA – Salvador-Bahia-Brasil. Disponível em: < <http://www.cult.ufba.br/wordpress/24698.pdf>>. Acesso em: 15 mai 2022.

CHÉROLET, Brenda. Variações linguísticas. 2019. **Educa+Brasil**. Disponível em: < <https://www.educamaisbrasil.com.br/enem/lingua-portuguesa/variacoes-linguisticas>>. Acesso em: 15 mai 2022.

CHIERCHIA, Genaro. **Semântica**. Campinas SP: Editora UNICAMP, 2003.

COELHO, Izete Lehmkuhl ; GÖRSKI, Edair Maria ; MAY, Guilherme Henrique; SOUZA, Christiane Maria Nunes de. **Sociolinguística**. Florianópolis : LLV/CCE/UFSC, 2010.

COORDENAÇÃO DO COLEGIADO SETORIAL DA DIVERSIDADE LINGUÍSTICA DO RS. **Diversidade linguística do RS: inventariar | reconhecer | salvaguardar | promover**. 2018. Disponível em: <https://www.ufrgs.br/projalma/wp-content/uploads/2020/08/Documento_Colegiado-Setorial-da-Diversidade-Lingu%C3%ADstica-do-RS_2018.pdf> Acesso em: 27 abr 2022.

DINIZ, Dilma C.B.; COELHO, Haydée R. “**Regionalismo**”. In: Figueiredo, E. (Org.). **Conceitos de literatura e cultura**. Juiz de Fora: UFJF, 2005.

ENGELS, Friedrich; MARX, Karl. **A ideologia alemã**. São Paulo: Boitempo, 2007.

FARACO, Carlos Emiliano; MOURA, Francisco Marto. **Gramática**. 19ª ed. 8ª impressão. Editora Ática. São Paulo – SP. 2005.

FECOSUL - Federação dos Empregados no Comércio de Bens e Serviços do Estado do Rio Grande do Sul. **Semana Farroupilha: Tradições Gaúchas**. 17 set 2015. Disponível em: < http://fecosul.com.br/noticias/single/semana_farroupilha_-_tradicoes_gauchas >. Acesso em: 17 mai 2022.

FERNANDES, Márcia. Língua Portuguesa. Estilística. Figuras de linguagem. *Site: Toda Matéria*. Disponível em: < <https://www.todamateria.com.br/figuras-de-linguagem/>>. Acesso em: 13 mai 2022.

FERRAREZI JR, Celso. **Semântica para a educação básica**. SP: Parábola Editorial, 2008.

FILHO, Antônio Cardoso. **O poema e seus constituintes**. Aula 10. Disponível em: < https://cesad.ufs.br/ORBI/public/uploadCatalogo/08332414112014Teoria_da_Literatura_I_Aula_10.pdf> . Acesso em 27 abr 2022.

FREITAG, Raquel M. Ko. **Sociolinguística no/do Brasil**. Cadernos de estudos linguísticos – (58.3), Campinas, pp. 445-460 - set./dez. 2016.

FREITAG, Raquel Meister Ko; MARTINS, Marco Antonio; TAVARES, Maria Alice. Bancos de dados sociolinguísticos do português brasileiro e os estudos de terceira onda: potencialidades e limitações. **Alfa: Revista de Linguística**, v. 56, n. 3, p. 917–944, 2012.

GALHARDO, Caco. Júlio e Gina. **Folha de São Paulo**. São Paulo, 15 out. 2007.

GOLDGRUB, Franklin. Significado significação sentido. Meaning significance sense. **PSIC.REV.** São Paulo, volume 20, n.1, 79-91, 2011.

GOLDSTEIN, N. S. **Versos, sons, ritmos**. 14^a ed. São Paulo: Ática, 2006.

GREIMAS, Algirdas J. **Sobre o sentido**. Ensaio semióticos. Petrópolis: Vozes, 1975.

GUTFREIND, Ieda. O gaúcho e sua cultura. In: GOLIN, Tau; BOEIRA, Nelson (Cords). **Colônia**. Passo Fundo: Méritos. 2006. p. 171-187. V. 1. (Coleção História Geral do Rio Grande do Sul).

HASSE, Geraldo. Jayme Caetano Braun, o ícone pajador do tradicionalismo gaúcho. **O jornal de economia e negócios do RS**. 2019. Disponível em: < https://www.jornaldocomercio.com/_conteudo/especiais/reportagem_cultural/2019/09/702324-jayme-caetano-braun-o-icone-pajador-do-tradicionalismo-gaucha.html > Acesso em: 17 mai 2022.

HENRIQUES, Cláudio Cezar. **Léxico e semântica**: estudos produtivos sobre palavras e significação. Rio de Janeiro: Alta Books, 2018.

HERNANDEZ, Claudio Reus Silveira. **O Mito do Herói Gaúcho e a realidade da formação agrária do Rio Grande do Sul na poesia de Jaime Caetano Braun**. Dissertação (Mestrado) – Universidade de Brasília / UNB. 2014.

ILARI, Rodolfo. **Introdução á semântica**. Brincando com a gramática. 5^a ed. São Paulo: Contexto, 2004.

ILARI, Rodolfo; GERALDI, João Wanderley. **Semântica**. 11^a ed – São Paulo: Ática, 2006.

IOTTI, Luiza H. **Imigração e poder**: a palavra oficial sobre os imigrantes italianos no Rio Grande do Sul (1875-1914). Caxias do Sul: EDUCS, 2010.

JAMILK, Pablo. **Português sistematizado**. Rio de Janeiro: Forense: SP: Método, 2019.

LABOV, W. **Padrões sociolinguísticos**. Tradução de Marcos Bagno, Maria Marta Pereira Scherre, Caroline Rodrigues Cardoso. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.

LENCLUD, Gerard. A tradição não é mais o que era... Sobre as noções de tradição e de sociedade tradicional em etnologia. **Revista Histórica, histórias**. Revista do programa de pós-graduação em História – UnB. Brasília. Vol. 1, nº1. 2013.

LUVIZOTTO, CK. **Cultura gaúcha e separatismo no Rio Grande do Sul** [online]. São Paulo: Editora UNESP; São Paulo: Cultura Acadêmica, 2009.

_____. **As tradições gaúchas e sua racionalização na modernidade tardia.** São Paulo: Cultura Acadêmica, 2010.

MANFROI, Olívio. **A colonização italiana no Rio Grande do Sul:** implicações econômicas, políticas e culturais. 2ª ed. Porto Alegre: EST, 2001.

MARQUES, Maria H. D. **Iniciação à semântica.** 6ª ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003.

MATOS, João. 50 figuras de linguagem para “turbinar” seu texto – parte 4. Última atualização em 04/12/2018. **Redaçãomania.** Disponível em: < https://redacaomania.com/figuras-de-linguagem-4/#32_Aposiopese_ou_Reticencia>. Acesso em: 13 mai 2022.

MATTOS & SILVA, Rosa Virgínia. Variação, mudança e norma. In: BAGNO, Marcos (Org.). **Linguística da norma.** 2. ed. São Paulo, Edições Loyola: 2004.

MENDES, Iba. Literatura: Olavo Bilac e Guimarães Passos. Tratado de Versificação. Projeto livro livre. **Livro 154.** 2014. Disponível em: < <https://letras-lyrics.com.br/PDF/Olavo-Bilac/Olavo-Bilac-Tratado-de-Versificacao.pdf>> Acesso em: 27 abr 2022.

MOLLICA, Maria Cecília; BRAGA, Maria Luiza. **Introdução à sociolinguística:** o tratamento da variação. 4ª ed. 4ª reimpressão. São Paulo: Contexto, 2017.

OLIVEIRA, Rafael Camargo de Litote. **Brasil Escola.** Disponível em: < <https://brasilecola.uol.com.br/gramatica/figura-pensamento-litote.htm>>. Acesso em: 12 mai 2022.

PAULSTON, C.B.; TUCKER, G. R. Historyofsociolinguistics: introduction. In: PAULSTON, C.B.; TUCKER, G. R. **Sociolinguistics: theessentialreadings.** Malden: BlackwellPublishing, 2003.

PELLEGRINI, T. **Despropósitos.** São Paulo: Annablume/Fapesp, 2008.

PETRI, Verli. Reflexões acerca do funcionamento das noções de língua e de sujeito no Dicionário de Regionalismos do Rio Grande do Sul. In: **Revista Língua e Instrumentos Linguísticos, n. 23.** Campinas: São Paulo: RG Editora, 2009.

PINTO, José Atanásio B. **Dicionário Poético Gaúcho Brasileiro.** Porto Alegre: Corag, 2015.

PINTO, Deise Cristina de Moraes; COELHO, Fábio André Cardoso; CABRAL, Mônica Paula de Lima; RIBEIRO, Roza Maria Palomanes. **Introdução à semântica.** V. único. Rio de Janeiro: Fundação CECIERJ, 2016.

PORTAL DAS MISSÕES. Jayme Caetano Braun: Biografia. *Site: Portal das Missões.* Disponível em: < <https://www.portaldasmissoes.com.br/site/view/id/1624/jayme-caetano-braun--biografia.html>> Acesso em: 14 mai 2022.

RIBEIRO, Vinícius. **Breve histórico de Jayme Caetano Braun.** 2008. Disponível em: < <https://viniciusribeiroescultor.blogspot.com/search?q=Jayme>> Acesso em: 18 mai 2022.

RIGONATTO, Mariana. Ritmo poético. **Brasil Escola.** Disponível em: < <https://brasilecola.uol.com.br/literatura/ritmo-poetico.htm>>. Acesso em 17 de maio de 2022.

SACCONI, Luiz Antônio. **Nova gramática completa Sacconi: teoria e prática**. 31ª ed revisada. São Paulo: Nova Geração, 2011.

SALES, José Batista de. “Agora Eu Quero Cantar”: Um Poema Narrativo de Mário de Andrade. UFMS – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul. Departamento de Educação. Três Lagoas – MS – Brasil. 79620-270. **Itinerários, Araraquara, n. 33, p.123-137, jul./dez.** 2011

SAUSSURE, F. **Curso de linguística geral**. São Paulo: Cultrix, 2006.

SCHLEE, Aldyr Garcia. **Dicionário da Cultura Pampeana Sul-Rio-Grandense**. / Aldyr Garcia Schlee. -- Pelotas: Fructos do Paiz, 2019.

SCHUMACHER, Cristina A. **Uma gramática intuitiva**. Rio de Janeiro: LTC, 2013.

SILVA, Karina Vanderlei; SILVA, Maciel Henrique. **Dicionário de conceitos históricos**. São Paulo: Contexto, 2006.

SILVA, Daniele Cristina Agostinho. Sílabas poéticas ou numéricas. Literatura. *Site: Infoescola*. Disponível em: < <https://www.infoescola.com/literatura/silabas-poeticas-ou-metricas/> > . Acesso em: 17 mai. 2022.

SOUZA, Warley. Metáfora. **Brasil Escola**. Disponível em: < <https://brasilecola.uol.com.br/gramatica/metafora.htm> > . Acesso em: 11 mai 2022.

SOUZA, Warley. Poema. **Brasil Escola**. 2022. Disponível em: < <https://brasilecola.uol.com.br/literatura/o-poema-caracteristicas-especificas.htm> . Acesso em: 17 de mai de 2022.

STURZA, Eliana Rosa. Vocabulário sul-rio-grandense: De instrumento lingüístico à constituição de um discurso fundador. **Letras e instrumentos linguísticos**. Nº 18. Campinas, SP. Universidade Estadual de Campinas: Pontes Editores, 2006.

TATSCH, Juliane. **O funcionamento semântico-enunciativo da língua espanhola nas tirinhas do tapejara**: uma representação da linguagem gauchesca. Dissertação de mestrado. Programa de Pós Graduação em Letras. Universidade Federal de Santa Maria-UFSM/RS, 2013. Disponível em: < <https://repositorio.ufsm.br/bitstream/handle/1/9889/TATSCH%2C%20JULIANE.pdf?sequence=1&isAllowed=y> > . Acesso em: 16 mai 2022.

TARALLO, Fernando. **A pesquisa sócio-linguística**. 7ª ed. 3º reimp. São Paulo: Ática, 2001.

VERÍSSIMO, Luis Fernando. **As cobras em**: se Deus existe que eu seja atingido por um raio. Porto Alegre: LGPM, 1997.

VOTRE, Sebastião; RONCARATI, Claudia; NASCIMENTO, Rebeca. Entrevista com Anthony Julius Naro. **Anthony Julius Naro e a linguística no Brasil**: uma homenagem acadêmica. Rio de Janeiro: 7Letras, 2008.

WEBER, Eliana. **Políticas públicas de fortalecimento cultural do tradicionalismo gaúcho frente à fragmentação do sujeito na globalização**. Dissertação (Mestrado em Direito – Universidade de Santa Cruz do Sul). Santa Cruz do Sul, 2010.

WITTGENSTEIN, L. **Tractatus Logico-Philosophicus**. Tradução de Luiz Henrique Lopes dos Santos. 3. ed. São Paulo: Edusp, 2001.

ANEXO I: POEMA BOCHINCHO DE JAYME CAETANO BRAUN

A um bochincho, certa feita
Eu fui chegando de curioso
Que o vício é que nem sarnoso
Nunca para, nem se ajeita.
Baile de gente direita
Eu vi de pronto que não era
Na noite de primavera
Gaguejava a voz dum tango
E eu sou louco por fandango
Que nem pinto por quirera!

Atei meu baio longito
Num galho de guamirim
Desde guri eu fui assim
Não brinco nem facilito
Em bruxas não acredito
¡Pero que las hay, las hay!
Eu sou da costa do Uruguai
Meu velho pago querido
E, por andar desprevenido
Há tanto guri sem pai

No rancho de santa-fé
De pau-a-pique, barreado
Num trancão de convidado
Eu me entreverei no banzé
O chinaredo a bolapé
No ambiente fumacento
Um candeeiro, bem no centro
Num lusco-fusco de aurora
Pra quem chegava de fora
Pouco enxergava ali dentro

Dei de mão numa tiangaça
Que me cruzou no costado
E já sai entreverado
Entre a poeira e a fumaça
;Óigale!, China lindaça!
Morena de toda a clina
Dessas da venta brasina
Com cheiro de lixiguana
Que quando ergue uma pestana
Até a noite se ilumina

Misto de diaba e de santa
E com ares de quem é dona
E um gosto de temporona
Que traz água na garganta
E eu me grudei na percanta
O mesmo que um carrapato!
E o gaiteiro era um mulato
Que até dormindo tocava
E a gaita choramingava
Como namoro de gato

A gaita velha gemia
Às vezes quase parava
De repente se acordava
E num vanerão se perdia!
E eu contra a pele macia
Daquele corpo moreno
Sentia o mundo pequeno
Bombeando, cheio de enlevo
Dois olhos, flores de trevo
Com respingos de sereno

Mas o que é bom se termina
Cumpru-se um velho ditado
Eu, que dançava embalado
Nos braços doces da China
Escutei de relancina
Uma espécie de relincho
Era o dono do bochincho
Meio oitavado num canto
Que me olhava com espanto
Mais sério do que um capincho

Foi ele que se veio
Pois, se era dele a pinguancha
Bufando e abrindo cancha
Como dono do rodeio
Quis me partir pelo meio
Co'um talonço de adaga
Que se me pega, me estraga!
Chegou a levantar um cisco!
Mas não é à toa, chomisco
Que sou de São Luiz Gonzaga!

Meio na curva do braço
Eu consegui tirar o talho
Mas quase que me atrapalho
Porque havia pouco espaço
Mas senti o calor do aço
E o calor do aço arde!
Me levantei sem alarde
Por causa do desaforo
E soltei meu marca-touro
Num medonho
Buenas tardes

Eu tenho visto cosa feia
Tenho visto judiaria
Mas hoje ainda me arrepia
Lembrando aquela peleia
Talvez quem ouça não creia
Mas vi nascer, no pescoço
Do índio do berro grosso
Como uma cinta vermelha
E desde o beijo até a orelha
Ficou relampeando o osso!

O índio era um índio touro
Mas até touro se ajoelha!
Cortado do beijo à orelha
Amontoou-se como um couro
E, amigos, foi um estouro
Daqueles que dava medo!
Espantou-se o chinaredo
E aquilo foi uma zoada!
Parecia até uma eguada
Disparando num varzedo

Não há quem pinte o retrato
Dum bochincho quando estoura
Tinidos de adaga, espora
E gritos de desacato
Berros de quarenta-e-quatro
De cada canto da sala
E a velha gaita baguala
Num vanerão pacholento
Fazendo acompanhamento
Do turumbamba de bala!

É China que se escabela

Redemoinhando na porta
E xiru-da-guampa-torta
Que vem, direito, à janela
Num grito de toda goela
Num berreiro alucinante
O índio que não se garante
Vendo sangue, se apavora
E se manda campo fora
Levando tudo por diante!

Eu sou crente na divindade
Morro quando o Deus quiser
Mas, amigos, se eu disser
Até periga verdade
Naquela barbaridade
De chinaredo fugindo
De grito e bala zunindo
O gaiteiro alheio a tudo
Tocava um xote esclinado
Já quase meio dormindo!

E a coisa ia indo assim
Balanceei a situação
Já quase sem munição
E todos atirando em mim
Qual ia ser o meu fim?
Eu me dei conta de repente
Eu não vou ficar pra semente
Mas gosto de andar no mundo!
Me esperavam na dos fundo
Eu saí na porta da frente

E, dali, eu ganhei o mato
Abaixo de tiroteio

Ainda escutava o floreio
Da cordeona do mulato
E, pra encurtar o relato
Eu me bandeiei pra o outro lado
Cruzei o Uruguai a nado
Que o meu baio era um capincho
E a história deste bochincho
Faz parte do meu passado

E a China?

Essa pergunta me é feita
Em cada vez que eu declamo
É uma cosa que eu reclamo
E acho que é até uma desfeita
Acho que não é direita
E até entender nem consigo
Eu, no medonho perigo
Duma situação brasina
Todos perguntam da China
E ninguém se importa comigo!

E a China, eu nunca mais vi
No meu gauderiar andejo
Somente em sonhos a vejo
Num bárbaro frenesi
Talvez ande por aí
No rodeio das alçadas
Ou talvez, nas madrugadas
Seja uma estrela xirua
Dessas que se banha nua
No espelho das aguadas

ANEXO II: OBRAS DE JAYME CAETANO BRAUN

LIVROS:

- Galpão de Estância (1954)
- De Fogão em Fogão (1958)
- Potreiro de Guaxos (1965)
- Bota de Garrão (1966)
- Brasil Grande do Sul (1966)
- Paisagens Perdidas (1966)
- Vocabulário Pampeano – Pátria, Fogões e Legendas (1987)
- Payador e Troveiro (1990)
- Antologia Poética: 50 anos de poesia (1996)
- Payada Cantares (2003) (obs. Resgate do acervo de Jayme)

DISCOS:

- Payador, Pampa e Guitarra de Noel Guarany (convidado especial) (1974)
 - Payador (1983)
 - A volta do payador (1984)
 - Troncos Missioneiros (juntamente com Noel Guarany, Cenair Maicá e Pedro Ortaça) (1987)
 - Poemas Gaúchos (1993)
 - Payadas (1993)
 - Paisagens Perdidas (1994)
 - Jayme Caetano Braun (1996)
 - Acervo Gaúcho (1998)
 - Êxitos 1 (1999)
 - Êxitos 2 (2000)
 - Payada, Memória & Tempo (2006) (obs: Resgate do acervo de Jayme)
 - Payada, Memória & Tempo Vol. 2 (2008) (obs: Resgate do acervo de Jayme)
 - Payada, Memória & Tempo Vol. 3 (2009) (obs: Resgate do acervo de Jayme)
 - A volta do Farrapo (2010) (obs: Resgate do acervo de Jayme)
- (RIBEIRO, 2008)

ANEXO III: CERTIDÃO DE NASCIMENTO

REPÚBLICA FEDERATIVA DO BRASIL
Estado do Rio Grande do Sul
OFÍCIO DO REGISTRO CIVIL DAS PESSOAS NATURAIS
Município de Bossoroca
Rua João Fagundes, nº 252
CEP: 97.850-000 - Fone: (055)356-1413
Oficial: Bel. Orlando Welter Corrêa
Oficial Substituta: Sandra Maria Nunes Nascimento
Comarca de São Luiz Gonzaga

“CERTIDÃO DE NASCIMENTO”

CERTIFICO, que se acha registrado neste ofício, no livro de Registros de Nascimento de número A-6 (seis), às folhas: 16 (dezesseis), sob número de ordem 21 (vinte e um), o assento de Nascimento de **“Jayme Guilherme”**, nascido no dia trinta (30) do mês de Janeiro do ano de mil, novecentos e vinte e quatro (1924), às oito horas e trinta minutos (08:30hs), do sexo masculino, sendo filho de **João Aloysio Braum**, e de **Euclides Caetano**, ambos naturais deste Estado, empregados públicos, domiciliados na cidade de São Luiz Gonzaga, eventualmente neste município.

Sendo avós paternos: Jacob Braum e Guilhermina Thiesen; e **avós maternos:** Anibal Antonio Caetano e Florinda Ramos.

Serviram de testemunhas: José Francisco Ferreira, empregado público, e Sabino Antunes de Oliveira, viúvo, criador, ambos domiciliados e residentes neste distrito.

Foi declarante o Sr. Anajande Ramos Ribeiro, solteiro, maior, residente neste distrito.

O assento foi lavrado em 07 de fevereiro de 1924.

OBSERVAÇÕES: na coluna de averbações nada consta.

O REFERIDO É VERDADE E DOU FÉ.

Bossoroca-RS., 09 de agosto de 2005.

Emolumentos: R\$nihil

O Oficial *Sandra M. N. Nascimento*

Sandra M. N. Nascimento
Oficial Substituta

OFÍCIO DO REGISTRO CIVIL DAS PESSOAS NATURAIS
Rua João Fagundes, 252 - CEP: 97.850-000
BOSSOROCA

VINICIUS RIBEIRO
ESCUPTOR

ANEXO IV: BILHETE DE BRUAN Á JOÃO VARGAS

Bilhete ao João Vargas

“Criado junto aos arreios
a boleadeira e o laço,
cheio de talho e pontão”
das lidas e pastoreios;
— assim reponta os anseios,
o cantor do Alegrete,
mais certo do que um florete
nas mãos dum campeão de esgrima,
doutor formado na rima
e louco de tão ginete.

Um bilhete é muito pouco
pra te dizer o que sinto.
Angico — Mariano Pinto
Jogo de prenda — *pitoco*;
la maula até fico louco
pensando em ti, velho *cuera*;
na cicatriz da Tapera
que fez chorar e dá medo
e no riso do chinaredo
da estância da Primavera.

Sete-de-ouros — Ás-de-espadas
e um três — João Vargas — perdi,
não foi surpresa pra ti,
vaqueano de mil cruzadas
de trampas — cartas marcadas,
da forma mais indecente;
o índio olfateia e sente
como quem fareja o fogo.
Sempre a vida esconde um jogo
que mata o jogo da gente.

Fiz o que o gaúcho faz,
sem admitir pretexto
e fui — como gato a cabresto,
“só nas patinhas de trás”,
tu sabes — na santa paz
que o gaúcho não morreu,
mas na terra onde nasceu
— até periga a verdade,
quando eu gritei: Liberdade!
só o eco me respondeu. . .

Assim minh’alma campeira
João Vargas — gêmea da tua,
sempre a mesma — continua;
como um “toco de tronqueira”
— “o quadro onde foi mangueira”
é a cancha onde pastoreio
e te afirmo sem receio:
que na verdade nós fomos,
que na verdade nós somos,
tours do mesmo rodeio!!!

Estância do Piraju — VIAMÃO
Jayme Caetano Braun

49

Poema resposta de Jayme a João Vargas, após resultado negativo nas urnas

Fonte: <https://viniciusribeiroescultor.blogspot.com/search?q=Jayme>, 2022.